



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

**ELEDINELMA SERRÃO CORRÊA**

**GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO ILUSTRADO DA CARPINTARIA NAVAL  
MIRIENSE**

**ABAETETUBA/PA  
ABRIL/2017**

**ELEDINELMA SERRÃO CORRÊA**

**GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO ILUSTRADO DA CARPINTARIA NAVAL  
MIRIENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade da Ciência da Linguagem – FACL do Campus Universitário de Abaetetuba da UFPA, para obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Letras: Habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística

Subárea: Terminologia

Orientadora: Ma. Alessandra Martins Monteiro

**ABAETETUBA/PA  
ABRIL/2017**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

C824g Corrêa, Eledinelma Serrão.  
Glossário terminológico ilustrado da carpintaria naval Miriense  
/ Eledinelma Serrão Corrêa. — 2017.  
106 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. MSc. Alessandra Martins Alessandra  
Martins Monteiro

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2017.

1. Terminologia da carpintaria naval. 2.  
Socioterminologia. 3. Terminografia. 4. Variação  
terminológica. I. Título.

CDD 410

---

ELEDINELMA SERRÃO CORRÊA

GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO ILUSTRADO DA CARPINTARIA NAVAL  
MIRIENSE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem – FACL do Campus Universitário de Abaetetuba da UFPA, para obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Letras: Habilitação Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística  
Subárea: Terminologia  
Orientadora: Ma Alessandra Martins Monteiro

Data da aprovação: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_ - Orientadora  
Prof.<sup>a</sup> Ma. Alessandra Martins Monteiro – FACL/UFPA

\_\_\_\_\_ - Examinadora  
Prof.<sup>a</sup> Dr. Maria Adelina Farias de Oliveira – FACL/UFPA

\_\_\_\_\_ - Examinadora  
Prof.<sup>a</sup> Ma. Jaqueline de Andrade Reis - UFPA

ABAETETUBA/PA  
ABRIL/2017

Dedico este trabalho ao dono da vida, a Deus, que me deu a oportunidade de cursar essa graduação na Universidade Federal do Pará, e me concedeu saúde e sabedoria para concluir.

À minha filha, Amanda Corrêa Cruz e ao meu marido, Raimundo da Silva Cruz, por estarem comigo nesta batalha e me darem forças quando mais precisei. Amo vocês cada vez mais.

À minha mãe, Evanilza Serrão Corrêa, por sua dedicação como mãe e pai ao mesmo tempo, obrigada por tanto amor.

Às minhas irmãs, Elediane Corrêa Tenório (em memória), Elednilza Corrêa Tenório, Eledivane Serrão Corrêa e Eledielma Serrão Corrêa, amo vocês e a toda a minha família pelo apoio nessa difícil jornada.

Às minhas amigas Rosiane Sousa e Evangelina Nascimento, por me incentivarem a continuar os estudos, e Cristiana Farias, que me ajudou e me entendeu nesse período de ausência no trabalho.

Aos meus amigos da turma de Letras 2013, pela amizade de cada um, pois juntos construímos uma linda história.

Vocês estarão nas minhas melhores lembranças.

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha formação.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, o dono da vida, que me concedeu saúde e sabedoria para concluir esta árdua jornada. Agradeço, imensamente, ao meu marido, Raimundo da Silva Cruz, pelo apoio do início ao fim, desde as noites em claro me esperando para dormir até o consolo, quando me sentia incapaz de continuar, essa vitória é nossa e o meu amor por você aumenta a cada dia. À minha filha, Amanda Corrêa Cruz, meu tesouro, obrigada pela compreensão nesses quatro anos de ausência, principalmente em período de prova, você é o motivo que me fez enfrentar as adversidades de estudar em outro município. Sou grata a minha mãe, Evanisa Serrão Corrêa pelas infinitas orações, esse é o resultado de cada uma delas, te amo minha rainha. Agradeço às minhas irmãs, pois sei que torceram por mim e estão felizes com a minha vitória. Aos amigos e familiares, o meu muito obrigado, vocês também fazem parte dessa vitória. À minha orientadora, Alessandra Martins Monteiro, obrigada por ter acreditado em mim e por aceitar o meu projeto de pesquisa, saiba o quanto admiro sua sabedoria e profissionalismo, que o Senhor lhe abençoe muito mais. Agradeço aos meus informantes, muitíssimo obrigada, vocês foram essenciais para a realização deste trabalho, que Deus abençoe a cada um. A todos os professores que passaram pela minha turma e aos funcionários da Universidade, das meninas da limpeza ao motorista do ônibus, que Deus os abençoe. E aos meus colegas de turma, muito obrigada saibam que sou feliz pela amizade de cada um de vocês, em especial, a Raimunda Oliveira, Jéssica Cunha, Jucicleiton Melo, Nahara Silva e Tatyane Santos, vocês são amigos que conquistei na graduação, obrigada por todos os momentos felizes que passamos ao longo desses anos, pelas brincadeiras, pelas discussões necessárias, pelo apoio nas dificuldades. Foi maravilhoso conhecer vocês.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal a elaboração de um glossário terminológico ilustrado da Terminologia da Carpintaria Naval miriense, vocabulário técnico que codifica o ofício de fabricação artesanal de embarcações de madeira praticado no Estaleiro do Tchola, localizado na zona rural do município paraense de Igarapé-Miri. Esta pesquisa apresenta um estudo linguístico–descritivo do fenômeno de variação terminológica presente no léxico especializado (terminologia) utilizado no discurso de profissionais (carpinteiro, pintor e calafate) que atuam no ofício da carpintaria naval no citado estaleiro. A obra terminográfica em questão encontra-se organizada em três campos conceituais e de forma semi-sistemática (alfabética). A análise linguística dos termos foi realizada com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Socioterminologia, mais especificamente nos estudos de Enilde Faulstich (1995), Barros (2004) e Krieger e Finatto (2004). No que concerne à coleta de dados foi aplicada as seguintes técnicas: entrevistas com informantes; gravações digitais; aplicação de um questionário semântico-lexical (QSL); transcrições grafemáticas de trechos de 07 narrativas orais dos informantes e captura de fotos digitais para ilustração do glossário terminológico. O glossário possui 165 verbetes (termo- entrada) com registro de variantes terminológicas em suas macroestruturas, todos retirados das narrativas orais dos 07 informantes arrolados, que apresentam a seguinte estratificação social: a) Ter mais de 05 anos de profissão; b) Escolaridade: semialfabetizados e alfabetizados; c) Nascidos e criados na comunidade pesquisada; com faixa etária entre 18 a 40 e + de 40 anos de idade. A análise dos dados segue a ótica socioterminológica e como tal considera os contextos social, situacional e sociolinguístico em que os termos e suas variantes ocorrem, com o registro da variação terminológica nos níveis lexical, morfossintático, socioprofissional e cronológico, condicionadas pelos fatores sociais idade, escolaridade e função.

**Palavras-chave:** Terminologia da Carpintaria Naval. Socioterminologia. Terminografia. Variação terminológica.

## ABSTRACT

This work has as main objective the elaboration of an Illustrated Terminological Glossary of the Terminology of Naval Carpentry of Igarapé-Miri, technical vocabulary that codifies the craftsmanship of wooden vessels practiced in the Tchola Shipyard, located in the rural area of the municipality of Igarapé-Miri. This research presents a linguistic-descriptive study of the terminological variation phenomenon present in the specialized lexicon (terminology) used in the discourse of professionals (carpenter, painter and caulker) who work in the craft of naval carpentry in the aforementioned yard. The terminological work in question is organized in three conceptual fields and in a semi-systematic (alphabetical) way. The linguistic analysis of the terms was carried out based on the theoretical-methodological assumptions of socioterminology, more specifically in the studies of Enilde Faulstich (1995), Barros (2004) and Krieger and Finatto (2004). Regarding the collection of data, the following techniques were applied: interviews with informants; digital recordings; application of a semantic-lexical questionnaire (QSL); graphical transcriptions of excerpts from 07 oral narratives of the informants and capture of digital photos for illustration of the terminological glossary. The glossary has 165 entries (thermo-entry) with registry of terminological variants in its macrostructures, all taken from the oral narratives of the 07 informants listed, who present the following social stratification: a) To have more than 05 years of profession; b) Schooling: semi-literate and literate; c) To be born and raised in the researched community; with ages ranging from 18 to 40 and over 40 years. The data analysis follows the socio-terminological perspective and therefore considers the social, situational and sociolinguistic contexts in which the terms and their variants occur, with the registration of the terminological variation in the lexical, morphosyntactic, socio-professional and chronological levels, conditioned by the social factors such as schooling and function.

**Key-words:** Terminology of Naval Carpentry. Socioterminology. Terminograpy. Terminological variation.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I – DOS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS QUE EMBASAM A PESQUISA .....	10
1.1 SOCIOTERMINOLOGIA .....	10
1.2 TERMINOLOGIA .....	11
1.3 TERMINOGRAFIA .....	122
1.4 LEXICOLOGIA .....	12
CAPÍTULO II – DO OFÍCIO DA CARPINTARIA NAVAL DO MUNICÍPIO DE IGARAPÉ-MIRI.....	123
CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO .....	13
3.1 UNIVERSO DA PESQUISA .....	14
3.2 DA SELEÇÃO DOS INFORMANTES .....	14
3.3 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS PARA A COLETA DE DADOS E CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> : .....	15
CAPÍTULO IV – METODOLOGIA DE ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO.....	16
4.1 SELEÇÃO DOS TERMOS QUE CONSTITUEM AS ENTRADAS DO GLOSSÁRIO .....	16
4.2 DA ORGANIZAÇÃO DA MICROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO .....	16
4.3 DA ORGANIZAÇÃO DA MACROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO.....	18
CAPÍTULO V – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS. ....	20
5.1 DA FORMAÇÃO MORFOSSINTÁTICA DOS DADOS .....	20
5.2 ESTRUTURA SINTÁTICA DOS SINTAGMAS TERMINOLÓGICOS.....	20
5.3 DA VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA .....	211
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
REFERÊNCIAS .....	277
ANEXOS.....	28
GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA CARPINTARIA NAVAL DE IGARAPÉ-MIRI / PA.....	29
Da Carpintaria Naval no Estaleiro do “Tchola” .....	30

Abreviaturas e sinais gráficos utilizados no glossário.....	31
Ferramentas, maquinários, etapas e processos.....	32
Matérias-primas, peças e partes da embarcação.....	66
Tipos de embarcação e operários.....	98
FICHA SOCIOLINGUÍSTICA DO INFORMANTE.....	103
QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO LEXICAL (QSL).....	104
FOTO DA EMBARCAÇÃO.....	105
MAPA DE IGARAPÉ-MIRI.....	106

## INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) traz como proposta a elaboração de um Glossário Terminológico Ilustrado da Terminologia da Carpintaria Naval miriense, com descrição e análise do léxico especializado – Terminologia da Carpintaria Naval – utilizado nas interações verbais entre carpinteiros navais - profissionais que praticam o ofício da fabricação artesanal de embarcações de madeira - de pequeno ( casco com capacidade de 03 a 05 pessoas), médio ( rabetas com capacidade de 08 a 30 pessoas) e grande porte ( geleiros com capacidade para 20 toneladas de pescado) no Estaleiro do “Tchola”, localizado na zona urbana do município paraense de Igarapé-Miri. A obra terminográfica aqui proposta possui, ainda, a finalidade de documentar de forma organizada os conhecimentos desse domínio de especialidade, por meio de um Glossário Terminológico Ilustrado. Conhecimentos técnicos estes que são repassados de geração a geração, através de uma terminologia especializada e veiculada essencialmente no discurso oral dos carpinteiros navais.

O estudo da terminologia em foco se deu pela grande relevância cultural e econômica para o município de Igarapé-Miri. Outros trabalhos nessa linha teórica e sobre a Terminologia da Carpintaria Naval já foram realizados na UFPA/ Campus de Abaetetuba/ PA dentre os quais assinalo o de Quaresma (2012) que descreve e analisa a terminologia da carpintaria naval do município de Abaetetuba/PA e o trabalho de Corrêa (2011) que também apresenta um Glossário Terminológico da Carpintaria Naval do município de Igarapé-Miri. Entretanto, por ser a prática da Carpintaria Naval um ofício, ainda hoje, com ampla e larga distribuição geográfica na região paraense do baixo Tocantins, presente tanto na zona urbana como na zona rural dos municípios desta região, o presente trabalho traz como proposta contribuir com o mapeamento e registro exaustivo da terminologia em foco, com ênfase especial ao registro de variantes socioprofissionais e cronológicas. E para tanto, esta pesquisa foi desenvolvida em localidade e estaleiro distintos dos das pesquisas dos autores aqui citados, com o intuito de identificar novos termos, bem como, de possíveis variantes ainda não descritas nos trabalhos já anteriormente realizados.

Esta pesquisa pautou-se nos estudos teórico-metodológicos da Socioterminologia e apoiada nos estudos de Terminologia/Terminografia e Lexicologia, possui como público-alvo os pesquisadores, estudantes, população de um modo geral interessados em estudos linguísticos e terminológicos, como também os próprios profissionais do ofício da Carpintaria Naval.

O presente trabalho se encontra estruturado por capítulos assim definidos:

## CAPÍTULO I. DOS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS QUE EMBASAM A PESQUISA:

Trata de como está embasada esta pesquisa científica, percorrendo em subtópicos, sobre as chamadas tais Ciências do Léxico: Socioterminologia, Terminologia/Terminografia e Lexicologia fazendo a relação e diferenças de cada uma delas, bem como ressaltando o objeto de estudo das mesmas.

**CAPÍTULO II – DO OFÍCIO DA CARPINTARIA NAVAL NO MUNICÍPIO DE IGARAPÉ-MIRI:** Neste capítulo é feita uma síntese do ofício da carpintaria no município de Igarapé-Miri e da importância desse ofício para esta pesquisa.

**CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO:** Explica como está baseada a pesquisa de campo e que métodos e técnicas foram utilizados para a coleta dos dados para a constituição do corpus, como foram selecionados os informantes e como estão divididos na estratificação social.

**CAPÍTULO IV – METODOLOGIA DA ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO:** Neste capítulo explicita como o glossário se encontra estruturado no que concerne aos campos conceituais e à micro e macroestrutura;

**CAPÍTULO V – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS:** Corresponde à análise e interpretação dos dados da pesquisa, verificando e relacionando o fenômeno da variação terminológica aos seus respectivos condicionantes sociais. E finaliza com uma pequena consideração final a respeito das análises apresentadas no último capítulo.

Em anexo, encontra-se o **Glossário Terminológico Ilustrado da Carpintaria Naval miriense**, organizado em três campos conceituais e em ordem alfabética: Ferramentas, maquinários, etapas e processos; Tipos de embarcações e operários e; Matérias-primas, peças e partes da embarcação.

## CAPÍTULO I – DOS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS QUE EMBASAM A PESQUISA

Este trabalho segue a linha de pesquisa socioterminológica de descrição e análise do fenômeno da variação terminológica, ou seja, visa a identificação de variantes terminológicas nos níveis lexical, morfossintático, socioprofissional e cronológico, fundamentado nos estudos teórico-metodológicos da Socioterminologia e apoiada nos estudos de Terminologia/Terminografia e Lexicologia.

A Terminologia, Terminografia e Socioterminologia são ciências que centram os seus estudos nas unidades terminológicas, ou seja, nas lexias presentes na comunicação especializada. Ao passo que a Lexicologia adota como objeto de estudo as lexias de uma língua geral – lexias comuns de uma língua. Mesmo que ambas, Lexicologia e Terminologia, tenham como objetos de estudo os itens lexicais, cada uma faz um recorte teórico diferente na análise desse objeto de estudo.

### 1.1 SOCIOTERMINOLOGIA

A Socioterminologia é uma ciência que toma como objeto de estudo o fenômeno da variação linguística nas línguas de especialidade. Ela surge em oposição ao modelo teórico-metodológico da Teoria Geral da Terminologia (TGT) apresentada pelo engenheiro Eugen Wuster em 1930. Teoria esta, de cunho normativo que visava a univocidade, ou seja, desconsiderava a polissemia nas comunicações especializadas.

Estudos terminológicos mostraram as limitações da TGT e contribuições como de François Gaudin (1993) e J.C. Boulanger (1995) afirmaram o surgimento da Socioterminologia como disciplina que segundo Faulstich (1995, p. 281) “*se ocupa da identificação e da categorização das variantes linguísticas dos termos em diferentes tipos de situação de uso da língua*”, e parte do pressuposto de que em todas as línguas de especialidade, tais como acontece nas línguas naturais, há o fenômeno de variação linguística, presente nos discursos especializados.

[...] a Socioterminologia ocupa-se, ainda, de estudos acerca dos processos de banalização da linguagem. As línguas de especialidades, assim como os conjuntos terminológicos a elas pertencentes, devem ser analisados em sua completude, incluindo-se aí todos os aspectos sociais que os envolvem e as variações que deles decorrem. (BARROS, 2004, p. 70).

Esta nova ótica terminológica, não mais normativa e tradicional, que descreve e analisa os termos na perspectiva linguística da interação social. Assim para a Socioterminologia, todas as terminologias apresentam o fenômeno da variação linguística nos vários níveis da língua como: lexical, sintático, morfológico, semântico etc. E todo o fenômeno da variação terminológica está condicionado a fatores sociais como idade, escolaridade, sexo, tempo de profissão, dentre outros, bem como a fatores linguísticos.

A base dessa nova interpretação encontra respaldo na etnografia, cuja linha de conduta deriva de um postulado fundamental, que é a existência de uma ordem: o engajamento entre as pessoas, a interação de uns com os outros. Assim, as atitudes interacionais precisam ser observadas e analisadas nos mais diferentes espaços e em diferentes níveis. (FAULSTICH, 1995, p. 285).

Assim, a Socioterminologia desenvolve seus estudos em parceria com os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Etnografia, posto que concebem serem as comunicações especializadas entre membros de um grupo social capazes de gerar conceitos interacionais de um mesmo termo para um mesmo conceito.

## 1.2 TERMINOLOGIA

A Terminologia é um campo de estudo que tem como objeto de análise a lexia técnico-científica ou léxico especializado. Os estudos lexicais nas comunicações especializadas (tecnoletos) aparecem na segunda metade do século XX, quando Eugen Wuster em 1930, estabeleceu as bases da chamada Escola Terminológica de Viena e mais tarde elaborou sua Teoria Geral da Terminologia (TGT), inicialmente com a preocupação “normativa em busca da univocidade nas comunicações técnicas e científicas”. (FAULSTICH, 1995, p. 281)

Mesmo sendo recente, na década de 1990, Maria Teresa Cabré propõe uma releitura da TGT, criticando dentre outros aspectos, a separação conceito do significado, como também o desinteresse pelas estruturas morfológicas e os aspectos sintáticos das unidades lexicais terminológicas.

[...] as unidades terminológicas formam parte da linguagem natural e da gramática das línguas. De acordo com o princípio comunicativo, uma unidade lexical pode assumir o caráter de termo em função de seu uso em um contexto e situação determinados. Consequentemente, o conteúdo de um termo não é fixo, mas relativo, variando conforme o cenário comunicativo em que se inscreve. (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 35)

Dessa forma, a TGT firma-se a partir da necessidade de se conceber as unidades linguísticas carregadas de conceitos técnicos e científicos como objeto particular de análise científica, e a releitura da teoria wusteriana, feita por outros estudiosos, reconhece as suas contribuições para o crescimento da Terminologia como ciência autônoma, e nesta nova visão teórica, há o entendimento de que a sinonímia e a polissemia estão presentes nos discursos técnicos, visto que as unidades terminológicas estão em constante evolução.

### 1.3 TERMINOGRAFIA

A Terminografia é a face aplicada da Terminologia, encarregada da produção de dicionários terminológicos, ou seja, é a prática do fazer dicionarístico de uma especialidade de um saber humano, e toma como objeto de estudo o *termo*. Ela se pauta na Terminologia, como teoria, para descrição dos termos, diferentemente dos estudos lexicográficos que tomam como objeto a palavra não especializada.

A Terminografia elabora vocabulários (dicionários) especializados e a Lexicologia, dicionários de língua ou especiais. Os vocabulários registram termos, ou seja, modelos de realização lexical em nível das normas de universo de discurso especializados e os dicionários de língua registram unidades lexicais em todas as suas variações morfossintáticas e as suas acepções. (BARROS, 2004, p. 63).

Existem várias tipologias de obras terminográficas e lexicográficas como: Dicionários de língua geral, Dicionário histórico, Dicionário de tradução, Dicionário terminológico, Glossário terminológico, Banco de terminologia, etc. A obra proposta neste trabalho enquadra-se na tipologia de um glossário terminológico que traz um levantamento de 165 termos da carpintaria naval miriense, composto por unidades lexicais e suas respectivas definições e divididas em três campos conceituais e em ordem alfabética.

### 1.4 LEXICOLOGIA

A lexicologia é a Ciência que estuda o léxico geral de uma língua. Segundo Krieger & Finatto (2004) “A Lexicologia ocupa-se do componente lexical geral, e não especializado, das línguas”. Para a constituição de obras lexicográficas, a Lexicografia – responsável pela confecção de obras lexicográficas utiliza os recursos metodológicos da semasiologia, ou seja, parte da designação para chegar ao conceito enquanto que os terminográficos agem ao inverso.

## **CAPÍTULO II – DO OFÍCIO DA CARPINTARIA NAVAL DO MUNICÍPIO DE IGARAPÉ-MIRI**

Igarapé-Miri é um dos quatro municípios da região do Baixo Tocantins que traz o ofício da carpintaria naval como herança cultural histórica. Ofício este que consiste na fabricação artesanal de embarcações de madeira de pequeno (casco com capacidade de 03 a 05 pessoas), médio (rabeta com capacidade de 08 a 30 pessoas) e grande porte (geleiro com capacidade para 20 toneladas de pescado), praticada desde o início da humanidade, cuja prática já aparece descrita em uma das passagens bastante conhecidas dos cristãos, a que fala que Noé constrói a mando de Deus, uma arca para abrigar-se, juntamente com sua família, do dilúvio que havia de vir sobre a terra: “*Faze para ti uma arca da madeira de gofer; farás compartimentos na arca e a betumarás por dentro e por fora com betume*” (Gênesis, cap. 6,v 14.). Observa-se nesses versículos das Escrituras Sagradas escritas há séculos, que mesmo sem as tecnologias e técnicas atuais a carpintaria naval já era praticada pelo povo judeu.

O nome Igarapé-Miri, traduzido do Tupi, significa “Caminho de canoa pequena”, tradução que agrega identidade cultural à população miriense. Pois, remete às navegações, à história do surgimento da cidade. As embarcações, ainda hoje, são muito utilizadas no transporte de cargas, alunos e na pesca. Os tipos de embarcações mais fabricados no estaleiro selecionado, são geleiros e pesqueiros, tanto para a construção, quanto para reparos. Os trabalhadores do estaleiro, são divididos por função mestre artesão, calafate e pintor, e geralmente, trabalham em regime de empreita ou diárias. Em sua maioria, trabalham exclusivamente na carpintaria naval, ou seja, sem qualquer outra forma de remuneração.

Segundo relatos do Sr. Luiz Otávio P. de Sousa, mais conhecido por “Tatico”, calafate há 40 anos (informante da pesquisa), a carpintaria naval miriense é reconhecida em todo o Território paraense, principalmente por ter sido o lugar onde foi construída a embarcação de madeira de grande porte, bastante conhecida e batizada pelo nome do proprietário de Venino Pantoja, construída no Riozinho, Zona Rural de Igarapé-Miri.

O calafate Tatico não trabalhou na construção da embarcação, apenas nos reparos, por diversas vezes. Ela foi construída há muitos anos, apesar de ser muito antiga, ainda está em funcionamento. Venino Pantoja foi toda construída em madeira de lei, com 22 camarotes, uma suíte, dois bares, uma cozinha, uma enfermaria e 11 banheiros, com 38,2 m de comprimento e 8,2 m de largura e três conveses, atualmente faz apenas passeio turístico em Belém/Pará. A foto da mesma encontra-se no anexo 04 deste trabalho.

## CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO

Neste capítulo se encontra as informações a respeito do universo da pesquisa de campo, como localização do estaleiro e do proprietário; de quais os requisitos adotados para a seleção dos informantes da pesquisa e as técnicas e métodos utilizados para a constituição do corpus.

### 3.1 UNIVERSO DA PESQUISA

Esta pesquisa foi desenvolvida no estaleiro (espécie de galpão rústico, aberto, onde os carpinteiros navais, pintores e calafates fabricam as embarcações de madeira) do Sr. Odiclei Leal da Fonseca, mais conhecido como “Tchola”, localizado na zona urbana do município de Igarapé-Miri, na Rua do Jatuíra, às margens do Rio Igarapé-Miri, como indica o mapa do Município de Igarapé-Miri, no anexo 05. O senhor Odiclei aprendeu o ofício há trinta anos com o mestre artesão conhecido por “Seu Léia”, já falecido, a quem esta pesquisadora teve a honra de conhecer ainda com vida no ano de 2013, quando já estava a busca pelos informantes da presente pesquisa.

Cerca de 20 anos no estaleiro do “Tchola” foram construídas embarcações de pequeno porte (rabeta com capacidade de 03 a 05 pessoas) com capacidade de 03 a 08 pessoas, de médio porte (rabetas) com capacidades para mais de trinta pessoas e grande porte (geleiros), medindo aproximadamente 16 metros e com capacidade para 20 toneladas, utilizados na pesca em oceanos e para o comércio no transporte de cargas e produtos da região. Todas fabricadas de forma artesanal, ou seja, sem o uso de tecnologia moderna e sem a atuação de engenheiros navais, estas embarcações são comercializadas para diversas regiões do estado do Pará.

### 3.2 DA SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Esta pesquisa conta com 07 informantes, onde a seleção desses obedeceu aos seguintes critérios: a) que todos os informantes fossem nascidos ou criados no município de Igarapé-Miri; b) Ter mais de cinco anos atuando na carpintaria naval e; c) Possuir idade entre 18 a 60 anos, alfabetizados e semialfabetizados. Como mostra a tabela 01:

#### **Tabela 01 – Estratificação dos informantes**

Nº	Sexo	Função	Células	Idade	Tempo de Profissão	Escolaridade
01	M A S C U L I N O	Carpinteiro Naval	18 a 40	35	20	Alfabetizado
02		Carpinteiro Naval		21	08	
03		Pintor		36	15	
04		Calafate	+ de 40 anos	41	29	Semialfabetizado
05		Calafate		55	40	
06		Carpinteiro Naval		43	30	
07		Pintor	56	43		

### 3.3 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS PARA A COLETA DE DADOS E CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*:

A pesquisa de campo - coleta dos dados - foi realizada nos meses de Janeiro a Março, do corrente ano e obedeceu às metodologias advindas da Socioterminologia (Sociolinguística e Etnografia), portanto, com foco variacionista nos moldes laboviano, ou seja, visa à identificação de variantes terminológicas. Para tanto, foram aplicadas as seguintes técnicas:

- Entrevista com informantes;
- Gravações digitais das narrativas orais dos informantes;
- Aplicação de um Questionário Semântico Lexical (QSL), com perguntas sobre as principais ferramentas utilizadas? Quais os tipos de embarcações construídas no estaleiro? Como se chama as partes da embarcação? E etc.
- Transcrições grafemática (ALIPA e ALIB) de trechos das narrativas orais dos informantes onde os termos se realizam, ou seja, transcrições de trechos com as características linguísticas próprias do contexto de uso.
- Capturas de imagens, fotos<sup>1</sup> digitais para ilustração do glossário terminológico.

<sup>1</sup> Todas as fotos contidas no Glossário pertencem ao acervo desta pesquisadora.

## CAPÍTULO IV – METODOLOGIA DE ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO

Neste capítulo explica-se como o glossário está organizado e quais os critérios adotados na constituição dos termos em sua microestrutura e macroestrutura.

### 4.1 SELEÇÃO DOS TERMOS QUE CONSTITUEM AS ENTRADAS DO GLOSSÁRIO

Constituem entradas do glossário os termos que denomine as etapas e processos da construção naval, aos tipos de ferramentas, maquinários, peças e partes da embarcação, com realizações significativas nos discursos dos informantes.

### 4.2 DA ORGANIZAÇÃO DA MICROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO

Na microestrutura do glossário, a organização dos verbetes obedece a seguinte ordem:

**Termo entrada + categoria gramática + definição + remissiva + contexto + nota**

**O termo entrada corresponde à lexia especializada presente no discurso dos informantes (carpinteiro naval, calafate e pintor).**

A indicação da categoria gramatical dos termos é indicada pelas seguintes abreviaturas: **v.t** (verbo transitivo), **s.f.** (substantivo feminino), **s.m** (substantivo masculino) e **S.T.:** para os sintagmas terminológicos (unidades terminológicas morfossintáticas).

No que concerne à construção da **definição**, foi construída **por compreensão** constituída pelo **termo genérico** (arquilexema) + **características específicas** (traços distintivos que delimitam e especificam o referente denominado pelo termo), considerada como a ideal para trabalhos terminológicos. Nas definições, o *termo genérico* não pertence à terminologia em análise, mas é o que mais se aproxima do significado expresso na língua geral por essa mesma lexia.

Assim, temos a seguinte organização:

**Esquadro. s.m.:** *Ferramenta de ferro* em formato de “L”, com uma espécie de régua em uma das extremidades, utilizada pelo carpinteiro naval no processo de esquadrear a madeira. Em que a lexia ferramenta de ferro (arquilexema) corresponde ao *termo genérico* e a sentença “em formato de “L”, com uma espécie de trena em uma das extremidades, utilizada pelo carpinteiro naval no processo de esquadrear a madeira para depois cortar”, corresponde aos *traços distintivos*.

No que tange às relações de sentido entre os termos e suas entradas no dicionário, definimos que:

- Os hiperônimos constituem uma única entrada;
- Os termos hipônimos constituem entradas independentes.

No campo **contexto** – de caráter definitório, preferencialmente - registramos em fonte *Times New Roman* 10, espaço simples, a transcrição grafemática parcial de trechos dos discursos dos informantes em que os termos se realizam. Tal campo visa apresentar o termo, destacado entre < >, no âmbito de seu funcionamento léxico - conceitual e morfossintático. O discurso do pesquisador, indicado por ( ), é registrado, somente, quando necessário ao entendimento do termo. As interrupções no contexto (discurso do informante) são assinaladas por (...). Informações entre colchetes [ ], quando presentes no campo *contexto*, indicam a introdução de palavras ou expressões (de caráter explicativo) necessárias à compreensão do texto. E no final de cada contexto são descritas as características socioprofissionais de cada informante através de siglas que indicam profissão, escolaridade e idade. Assim, temos a seguinte forma: (C.N., 2º, 21).

Para indicar a profissão foi utilizado as seguintes abreviaturas:

C.N.: Carpinteiro Naval; P.T.: Pintor e C.L.: Calafate.

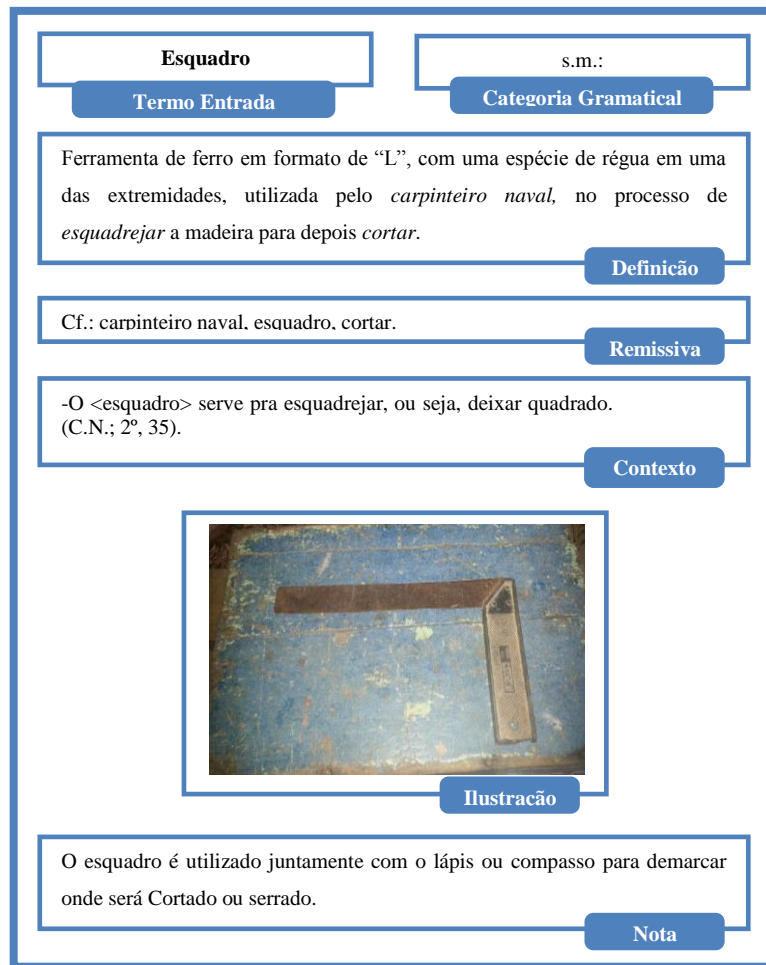
No que se refere ao campo **Nota**, quando presente, usamos a *nota explicativa* para fazer referência à informações socioterminológicas sobre o termo ou de uma variante, bem como para arrolar informações enciclopédicas relevantes para a melhor compreensão do termo. A figura 02, é um exemplo da apresentação de um termo dentro do glossário proposto.

Quanto à **grafia** dos termos do dicionário, estes são registrados obedecendo à regularidade ortográfica da língua portuguesa (variante brasileira).

Quanto ao sistema de **remissivas**, estas são usadas para relacionar os termos na *macroestrutura* do dicionário. São elas: **V.:** que remete à variantes terminológicas lexicais e morfossintáticas); **Ver.:** que remete ao termo com o maior grau de frequência e atualização no discurso (narrativas) dos informantes; **Cf.:** que remete aos termos em relação de hiperonímia/hiponímia.

A figura 02 apresenta um exemplo da organização do verbete no glossário.

**Figura 01 – Microestrutura**



#### 4.3 DA ORGANIZAÇÃO DA MACROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO

Na macroestrutura os termos foram organizados em três campos conceituais (semânticos) e de forma semi-sistemática (ordem alfabética). Ficando assim definido:

1. Ferramentas, maquinários, etapas e processos: neste campo semântico se encontra os termos que nomeiam os tipos de ferramentas utilizadas pelos trabalhadores do estaleiro (carpinteiros navais), bem como os que denominem as suas ações, processos, máquinas e etapas da construção naval;

2. Tipos de embarcações e operários: este campo é composto por termos que denominam os tipos de embarcações (pequeno, médio e grande porte) e aos tipos de operários que trabalham nesse ofício;

3. Matéria-prima, peças e partes da embarcação: é composto de termos que correspondem aos tipos de matérias-primas utilizadas na confecção da embarcação, às peças e as partes que compõem a embarcação. Para melhor explicar sobre os campos conceituais, a figura 03 apresenta a disposição dos termos em campos semânticos.

**Figura 02 – Macroestrutura**



## CAPÍTULO V – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.

Neste capítulo será analisado o corpus (terminologia em análise), considerando o ponto de vista socioterminológico, com vista a identificar variação terminológica e quais os fatores que condicionam esse fenômeno da variação, considerando, segundo Faulstich (1995, p. 285), “os contextos social, situacional, espacial e linguísticos em que os termos circulam”. Das lexias especializadas analisadas temos como resultado:

### 5.1 DA FORMAÇÃO MORFOSSINTÁTICA DOS DADOS

Quanto ao processo de formação dos termos que compõem a terminologia da carpintaria naval foi identificado o processo de derivação por:

- a) **Sufixação:** Refere-se aos termos em que ocorre a adição de sufixação o radical na formação de novos termos:

- No que se refere ao sufixo foi detectado as seguintes ocorrências em: **-ar** com maior frequência.

Ex.: calafetar, cavar, escariar, pintar, plainar, bitolar, serrotar, sutar, serrar, escariar, nivelar, guivar, enxurtar, escariar.

- b) **Derivação parassintética:** Refere-se aos termos onde ocorre tanto a prefixação quanto sufixação ao mesmo tempo.

- A derivação parassintética obteve ocorrência prefixal em: **a-, em-, e-**; e sufixal em: **ar-, ado- e mento-**.

Ex.: aplumar, abraçar, abraçado abraçamento, emassar.

### 5.2 ESTRUTURA SINTÁTICA DOS SINTAGMAS TERMINOLÓGICOS: Tipos de UTCs.

Os sintagmas terminológicos são compostos em sua estrutura por:

- a) **SUBSTANTIVOS +PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVOS:**

*Arco de pua, Arco de serra, Bancada de serra, Chave de boca, Chave de caixa, Chave de tubo, Motor de serra, Nível de mão, Folha da enxó, Lâmina da enxó, Barra de rosca, Boca da escotilha, Caixa de farol, Caixa de ferramenta, Cambota da torda, Cambota do convés, Fundo da embarcação, Cordão do zinco, Fundo da embarcação,*

*Massa de cré, Matrizada de proa, Peça de piquiá, Sala de máquina, Cabeça de prego, Ferro de cova, Óleo de linhaça.*

b) **SUBSTANTIVO + ADJETIVO:**

*Chave inglesa, Lima redonda, Obra morta, Óleo queimado, Parmeta curvada, Algodão branco, Algodão pintado, Balaostro torneado, Fundo branco, Pregos galvanizados, Motor rabudo, Broca chata, Lima triângulo, Plaina manual, Plainadeira industrial, Serra circular, Guarda forro, Barco geleiro, Barco pesqueiro.*

c) **VERBO + ARTIGO + SUBSTANTIVO:**

*Sentar o motor, tirar o ponto, Pintar o algodão.*

### 5.3 DA VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA

No que se refere ao fenômeno da variação terminológica dos dados analisados verifica-se a ocorrência de variantes terminológicas nos níveis lexical e morfossintático do sistema linguístico, bem como de variantes socioprofissional e cronológicas, condicionadas por fatores sociais como idade, escolaridade e função.

a) **Variação Lexical:** são variantes lexicais dos termos que ocorrem mudança lexical em sua estrutura ou parte dela, sem que sofra alteração no significado:

Ex: *Gerador ~ Motor; Tábua ~ Farca; Pino ~ Balaostro; Trena ~ Metro; Broca ~ Palheta; Capota ~ Casinhola; Peconha ~ Pega ~ Engate; Comando ~ Cabine; Pedra de amolar ~ Esmeril; Peconha ~ Engate ~ Pega; Varanda ~ Camaleão; Perno ~ Barra rosqueada, Machada ~ Machado, Zarcão ~ Izarcão.*

b) **Variação morfossintática:** são variantes morfossintáticas dos termos que ocorrem mudanças de uma lexia na estrutura dos sintagmas terminológicos sem que altere o conceito.

Ex: *Pedra de amolar ~ Pedra de afiar, Guarda forro ~ Guarda fogo; Ferro da plaina ~ Lâmina da plaina; Barra de roca ~ Vara de rosqueada ~ Barra rosqueada, Mesa de serra ~ Bancada de serra; Machada ~ Machado; Arco de serra ~ Serra mecânica ~ Serra de serrar ferro; Plaina Industrial ~ Plainadeira industrial ~ Plainadeira elétrica.*

c) **Variantes cronológicas ou de geração:** São as variantes de termos que ocorre mudança lexical entre profissionais com diferença de idade.

Ex: *Gerador ~ Motor, Farca ~ Tábuca, Capota ~ Casinhola, Arco de pua ~ Serra de serrar ferro, Mala do carpinteiro ~ Caixa de ferramenta, Paucxis~ Pocxis, Torda ~ Tolda.*

d) **Variação socioprofissionais:** São variantes dos termos onde o conceito e o significado não se alteram em função da mudança de registro entre profissionais com funções diferentes.

Ex: *Mesa de serra ~ Bancada de serra, Broca chata ~ broca, Pino ~ Balaostro, Algodão pintado ~ Pavio.*

**Tabela 02 – Variantes lexicais**

PROFISSIONAIS DA CARPINTARIA NAVAL						
C.N.2º 21	C.N.2º 35	P.T.2º 36	C.L.2º 41	C.N.2ª 43	C.L.7ª 55	P.T.4ª 56
<i>Peconha</i>	<i>Peconha</i>	<i>Engate</i>	<i>Peconha</i>	<i>Peconha</i>	<i>Peconha</i>	<i>Pega</i>
<i>Capota</i>	<i>Chapéu de sol</i>	<i>Capota</i>	<i>Capota</i>	<i>Capota</i>	<i>Casinhola</i>	<i>Casinhola</i>
<i>Motor</i>	<i>Gerador</i>	<i>Motor</i>	<i>Gerador</i>	<i>Motor</i>	<i>Motor</i>	<i>Gerador</i>
<i>Comando</i>	<i>Comando</i>	<i>Comando</i>	<i>Comando</i>	<i>Comando</i>	<i>Cabine</i>	<i>Cabine</i>
<i>Pino</i>	<i>Pino</i>	<i>Balaostro</i>	<i>Balaostro</i>	<i>Balaostro</i>	<i>Balaostro</i>	<i>Balaostro</i>
<i>Varanda</i>	<i>Camaleão</i>	<i>Camaleão</i>	<i>Camaleão</i>	<i>Camaleão</i>	<i>Camaleão</i>	<i>Camaleão</i>
<i>Táuba</i>	<i>Táuba</i>	<i>Táuba</i>	<i>Táuba</i>	<i>Táuba</i>	<i>Táuba</i>	<i>Farca</i>
<i>Metro</i>	<i>Trena</i>	<i>Metro</i>	<i>Metro</i>	<i>Trena</i>	<i>Trena</i>	<i>Trena</i>
<i>Palheta</i>	<i>Broca chata</i>	<i>Broca</i>	<i>Broca</i>	<i>Broca chata</i>	<i>Broca</i>	<i>Broca</i>
<i>Barra rosqueada</i>	<i>Barra de rosca</i>	<i>Barra rosqueada</i>	<i>Perno</i>	<i>Vara rosqueada</i>	<i>Perno</i>	<i>Perno</i>
<i>Pedra de amolar</i>	<i>Pedra de afiar</i>	<i>Esmeril</i>	<i>Pedra de amolar</i>	<i>Pedra de amolar</i>	<i>Pedra de amolar</i>	<i>Pedra de amolar</i>

**-Fator social idade:** Como mostra a tabela 03, as variantes: *varanda, palheta e metro:* são condicionadas pelo fator social idade, ocorrendo com maior frequência na fala dos informantes mais jovens. E a variante *pega, farca e perno,* na fala do informante mais velho.

- **Fator social escolaridade:** As variantes *esmeril*, *pino* e *palheta* ocorrem somente na fala de informantes escolarizados.

**Tabela 03 – Variantes Morfossintáticas**

PROFISSIONAIS DA CARPINTARIA NAVAL						
C.N.2º, 21	C.N.2º,35	P.T.2º,36	C.L.7ª,41	C.N.2ª,43	C.L.7ª,55	P.T.4ª 56
<i>Pedra de amolar</i>	<i>Pedra de afiar</i>	<i>Esmeril</i>	<i>Pedra de amolar</i>	<i>Pedra de amolar</i>	<i>Pedra de amolar</i>	<i>Pedra de amolar</i>
<i>Zarcão</i>	<i>Izarcão</i>	<i>Zarcão</i>	<i>Izarcão</i>	<i>Izarcão</i>	<i>Izarcão</i>	<i>Izarcão</i>
<i>Mesa de serra</i>	<i>Mesa de serra</i>	<i>Mesa de serra</i>	<i>Bancada de serra</i>	<i>Mesa de serra</i>	<i>Bancada de serra</i>	<i>Bancada de serra</i>
<i>Machado</i>	<i>Machada</i>	<i>Machado</i>	<i>Machado</i>	<i>Machado</i>	<i>Machado</i>	<i>Machado</i>
<i>Serra de serrar ferro</i>	<i>Serra mecânica</i>	<i>Serra de serrar ferro</i>	<i>Serra de serrar ferro</i>	<i>Serra de serrar ferro</i>	<i>Arco de serra</i>	<i>Arco de serra</i>
<i>Plainadeira</i>	<i>Plainadeira industrial</i>	<i>Plainadeira</i>	<i>Plainadeira elétrica</i>	<i>Plainadeira</i>	<i>Plainadeira elétrica</i>	<i>Plainadeira industrial</i>
<i>Barra rosqueada</i>	<i>Barra de rosca</i>	<i>Barra rosqueada</i>	<i>Perno</i>	<i>Vara rosqueada</i>	<i>Perno</i>	<i>Perno</i>
<i>Caixa de ferramenta</i>	<i>Caixa de ferramenta</i>	<i>Caixa de ferramenta</i>	<i>Caixa de ferramenta</i>	<i>Caixa de ferramenta</i>	<i>Caixa de ferramenta</i>	<i>Mala do carpinteiro</i>
<i>Pocxis</i>	<i>Pocxis</i>	<i>Pocxis</i>	<i>Pocxis</i>	<i>Pocxis</i>	<i>Pocxis</i>	<i>Paucxis</i>
<i>Enxó</i>	<i>Lâmina da enxó</i>	<i>Enxó</i>	<i>Enxó</i>	<i>Enxó</i>	<i>Enxó</i>	<i>Folha da enxó</i>
<i>Lâmina da plaina</i>	<i>Lâmina da plaina</i>	<i>Ferro de plaina</i>	<i>Ferro de plaina</i>	<i>Ferro de plaina</i>	<i>Ferro de plaina</i>	<i>Ferro de plaina</i>
<i>Plaina manual</i>	<i>Plaina</i>	<i>Plaina</i>	<i>Plaina de mão</i>	<i>Plaina</i>	<i>Plaina de mão</i>	<i>Plaina</i>
<i>Guarda forro</i>	<i>Guarda fogo</i>	<i>Guarda forro</i>	<i>Guarda forro</i>	<i>Guarda forro</i>	<i>Guarda forro</i>	<i>Guarda fogo</i>

- **Fator social escolaridade:** Como mostra a tabela 04, as variantes *pedra de afiar*, *lâmina da enxó*, *lâmina da plaina*, *zarcão*, são recorrentes na fala dos informantes escolarizados.

- **Fator social idade:** As variantes: *Mala do carpinteiro*, *paucxis* e *plainadeira elétrica*, *folha da enxó*, *Arco de serra*, *Bancada de serra*, são recorrentes na fala dos informantes com mais idade.

**Tabela 04 – Variantes cronológicas**

PROFISSIONAIS DA CARPINTARIA NAVAL						
C.N.2º,21	C.N.2º,35	P.T.2º,36	C.L.7ª,41	C.N.2ª,43	C.L, 7ª, 55	P.T.4ª,56
<i>Pocxis</i>	<i>Pocxis</i>	<i>Pocxis</i>	<i>Pocxis</i>	<i>Pocxis</i>	<i>Pocxis</i>	<i>paucxis</i>
<i>Táuba</i>	<i>Táuba</i>	<i>Táuba</i>	<i>Táuba</i>	<i>Táuba</i>	<i>Táuba</i>	<i>Farca</i>
<i>Torda</i>	<i>Torda</i>	<i>Torda</i>	<i>Torda</i>	<i>Torda</i>	<i>Torda</i>	<i>Tolda</i>
<i>Capota</i>	<i>Chapéu de sol</i>	<i>Capota</i>	<i>Capota</i>	<i>Capota</i>	<i>Casinhola</i>	<i>Casinhola</i>
<i>Serra de serrar ferro</i>	<i>Serra mecânica</i>	<i>Serra de serrar ferro</i>	<i>Serra de serrar Ferro</i>	<i>Serra de serrar ferro</i>	<i>Arco de Pua</i>	<i>Arco de pua</i>

- **Fator social idade:** Como evidencia a tabela 05, as variante: *paucxis*, *farca*, *tolda*, *casinhola* são frequentes na fala do informante mais velhos.

Tabela 05 – Variantes socioprofissionais

PROFISSIONAIS DA CARPINTARIA NAVAL						
CARPINTEIRO NAVAL			PINTOR		CALAFATE	
C.N. 2º, 21	C.N. 2º, 35	C.N. 2ª, 43	P.T. 2º, 36	P.T. 4ª, 56	C.L. 7ª, 55	C.L. 7ª, 41
<i>Mesa de serra</i>	<i>Mesa de serra</i>	<i>Mesa de serra</i>	<i>Mesa de serra</i>	<i>Bancada de serra</i>	<i>Bancada de serra</i>	<i>Bancada de serra</i>
<i>Palheta</i>	<i>Broca chata</i>	<i>Broca Chata</i>	<i>Broca</i>	<i>Broca</i>	<i>Broca</i>	<i>Broca</i>
<i>Pino</i>	<i>Pino</i>	<i>Balaostro</i>	<i>Balaostro</i>	<i>Balaostro</i>	<i>Balaostro</i>	<i>Balaostro</i>
<i>Algodão pintado</i>	<i>Pavio</i>	<i>Algodão pintado</i>	<i>Algodão pintado</i>	<i>Algodão pintado</i>	<i>Pavio</i>	<i>Algodão pintado</i>
<i>Plainadeira</i>	<i>Plainadeira industrial</i>	<i>Plainadeira</i>	<i>Plainadeira</i>	<i>Plainadeira industrial</i>	<i>Plainadeira elétrica</i>	<i>Plainadeira elétrica</i>

-**Fator social função:** A variante *Plainadeira elétrica*, ocorre somente na fala dos calafates. O termo *Broca chata*, *Pino* e *Mesa de serra*, ocorrem com maior frequência na fala de carpinteiros navais. E a de menor ocorrência a variante *Pavio*, ocorrendo entre carpinteiro e calafate.

- **Fator social idade:** A variante *Bancada de serra* aparece na fala dos informantes com mais idade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou um levantamento dos termos que compõem a Terminologia da Carpintaria naval em Igarapé-Miri/PA, retirados das narrativas orais de 07 informantes (carpinteiro, calafate e pintor) alfabetizados e semialfabetizados, com mais de cinco anos atuando na carpintaria naval, nascido ou criado no município.

Dessas narrativas foram elencados os termos que nomeiam as ações, etapas, processo, ferramentas, maquinários, tipos de embarcações, operários e partes da embarcação. Segundo Faulstich (1995), a metodologia para a pesquisa terminológica, fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem. Diante disso, foi constatada uma quantidade considerável de ocorrência de variantes terminológicas lexicais, morfossintáticas, cronológicas e socioprofissionais, todas condicionadas por fatores sociais como idade, escolaridade e função.

As variantes lexicais são condicionadas em sua maioria pelo fator social idade e escolaridade. As variantes morfossintáticas foram condicionadas em sua maior parte também pelos fatores sociais idade e escolaridade. Nas variantes cronológicas o fator social predominante foi a idade. E as variantes socioprofissionais, foram condicionadas pelo fator social idade e função.

Este trabalho procurou identificar e classificar o fenômeno de variação terminológica na terminologia em análise, em busca da identificação de variantes de termos ainda não descritos em pesquisas já realizadas, porém este é um campo bastante extenso quanto ao vocabulário técnico e ainda necessita de pesquisas mais exaustivas na área que abranja os demais níveis da língua ainda não explorados como é o caso do nível fraseológico, textual e discursivo.

Dessa forma, considero que o trabalho nesta área ainda necessita de mais estudos e espero, com esta pesquisa, contribuir para outras pesquisas socioterminológicas e a que a obra terminográfica produzida seja uma ferramenta útil tanto para pesquisadores da área quanto para os próprios profissionais da carpintaria naval miriense e de outras localidades.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de: **Estudos em lexicologia, lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia**. Fortaleza: UFC/MÍDIA, 2009.

BARROS, Lúdia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**/Lúdia Almeida Barros -São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical** - São Paulo: Editora Ática S.A, 1991.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminologia**: Representación y comunicación. Elementos para uma teoria de base comunicativa y otros artículos. Institut Universitari de Linguística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra. Barcelo, 1999.

CARONE, Flávia de Barros. Morfossintaxe – São Paulo: Editora Ática S.A. 1991.

CIDADE-BRASIL. Mapa de Igarapé-Miri. Disponível em: <[www.cidadebrasil.com.br](http://www.cidadebrasil.com.br)> Acesso em: 18/04/2017.

CORRÊA, Elcir Nunes. **Dicionário Terminológico da Carpintaria Naval de Igarapé-Miri**. Trabalho de Conclusão de Curso (UFPA). Abaetetuba, 2011.

FAULSTICH, E. L. de J. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina . In: **Ciência da Informação/Terminologia**: a disciplina da nova era. Brasília, v. 24, n. 3, 1995.

FÁTIMA, Pires. Maior embarcação de madeira navegável. Disponível em: <[http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/0xvZ/Maior\\_Embarcacao\\_De\\_Madeira\\_Navegavel](http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/0xvZ/Maior_Embarcacao_De_Madeira_Navegavel)> .> Acesso em: 12/02/2017.

QUARESMA, Maria de Jesus Nascimento. **Terminologia da Carpintaria Naval Abaetetuba/PA**. Dissertações. GeoLinTerm, 2012.

KRIEGER, Maria da Graça e FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. -São Paulo: Contexto, 2004.

# ANEXOS

# GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA CARPINTARIA NAVAL MIRIENSE



# Da Carpintaria Naval no Estaleiro do “Tchola”



A carpintaria naval é um ofício que consiste na fabricação artesanal de embarcações de madeira de pequeno, médio e grande porte, praticado em Igarapé-Miri, um dos quatro municípios da região do Baixo Tocantins, que herdou a cultura histórica da carpintaria naval artesanal, ou seja, sem atuação de engenheiros navais. Os conhecimentos técnicos desse ofício são repassados oralmente de geração a geração através de uma terminologia especializada veiculada essencialmente no discurso oral dos carpinteiros navais.

A *Terminologia da Carpintaria Naval* corresponde ao léxico especializado (termos) utilizado nas interações verbais entre carpinteiros navais, calafates e pintores - operários do estaleiro - que trabalham no Estaleiro – espécie de galpão onde são construídas as embarcações- do “Tchola” localizado na zona urbana de Igarapé-Miri, na Rua do Jatuíra, às margens do Rio Igarapé-Miri, fundado em outubro de 2006, sob a administração do senhor Odiclei Leal da Fonseca que aprendeu o ofício da carpintaria naval com o mestre artesão conhecido por “Seu Léia”, hoje falecido, há trinta anos. E ao longo desses anos já foram construídas embarcações de pequeno porte (rabeta com capacidade para 03 a 08 pessoas), médio porte (rabetas com capacidades para mais de trinta pessoas) e grande porte (geleiros com capacidade para 20 toneladas de pescado), todas de forma artesanal e estas embarcações são comercializadas para diversas regiões.

Os Carpinteiros navais são responsáveis pela confecção das embarcações como, moldar as peças e armá-la, os calafates são responsáveis pela calafetagem, ou seja, pelo processo de vedação da embarcação, e os pintores são responsáveis pelas pinturas para embelezar e proteger as embarcações.

# Abreviaturas e sinais gráficos utilizados no glossário

## **Referências gramaticais:**

**s.f.:** substantivo feminino

**s.m.:** substantivo masculino

**ST.:** sintagma terminológico

**v.t.:** verbo transitivo

## **Sistema de remissivas:**

**Cf.:** conferir

**V.:** variante

**Ver.:** ver

## **Referências às características sócio-profissionais dos informantes:**

C.N., 2<sup>a</sup>, 43: carpinteiro naval, 2<sup>a</sup> série, 43 anos;

C.N. 2<sup>o</sup>, 20: carpinteiro naval, 2<sup>o</sup> grau, 21 anos;

C.N., 2<sup>o</sup>, 35: carpinteiro naval, 2<sup>o</sup> grau, 35 anos;

C.L., 7<sup>a</sup>, 41: calafate, 7<sup>a</sup> série, 41 anos;

C.L., 7<sup>a</sup>, 55: calafate, 7<sup>a</sup> série, 55 anos;

P.T., 2<sup>o</sup>, 33: pintor, 2<sup>o</sup> grau, 36 anos;

P.T., 4<sup>a</sup>, 56: pintor, 4<sup>a</sup> série, 56 anos.

## **Sinais gráficos utilizados na transcrição grafemática dos termos:**

(...) supressão de trechos do discurso do informante;

( ) fala do pesquisador;

< > termo em análise (termo-entrada) e,

[ ] inserção de elementos lexicais no discurso do informante.

# Ferramentas, maquinários, etapas e processos

## A

**Aplumar.** v.t.: Processo de alinhar a embarcação, praticado pelo *carpinteiro naval* com a ajuda do *plumo*, para que a mesma não fique torta.

Cf: plumo, carpinteiro naval.

-[aplumar]é saber se a embarcação não está cambada [torta] para um lado mais que para o outro. (C.N., 2º, 35)

Nota: O processo de aplumar é na forma horizontal, e o de nivelar é na vertical.

**Arco de serra.** ST. s.m.: Ferramenta de ferro com lamina dentada e cabo de plástico, utilizada pelo carpinteiro naval, com a finalidade de *serrar parafusos e pregos*.

Cf.: Parafuso, prego galvanizado, serrar.

-Esse é um <arco de serra>, esse aqui se chama o arco, e esse aqui é uma serra.  
(C.L.,7ª, 56)



Nota: A união do arco com a serra forma o arco de serra.

**Arco de pua.** ST. s.m.: Ferramenta de ferro, curvada ao meio, que corresponde a uma furadeira manual, utilizada para perfurar as embarcações com a finalidade de encaixar pregos e *parafusos*.

Ver: furadeira.

-O <arco de pua> ele servia pra furar, só que ele tá sendo já um pouco banido devido o aparecimento da furadeira elétrica. (C.N., 2º, 35)



## B

**Bancada de serra.** S.T. s.f.: Mesa de madeira quadrada, utilizada como suporte da *serra circular* no processo de beneficiamento da madeira.

Cf.: Serra circular.

-Isso se chama <bancada de serra> ( ) serve pra colocar a madeira pra serrar. (C.L., 7ª, 41)



Bancada de serra

**Beneficiar.** v.t.: Processo de *cortar* e *plainar* a madeira, praticado pelo *carpinteiro naval* com finalidade de deixar a madeira no tamanho e medida certa para o que desejar.

Cf.: Carpinteiro naval, plainar, cortar.

-<beneficiar> é preparar né, estruturar a madeira no tamanho, comprimento, largura.  
(P.T. 4ª, 56)



**Bitola.** s.f.: Padrão de tamanho, definido pelo carpinteiro naval na confecção das peças da embarcação, utilizando o *compasso*.

Cf.: Compasso.

-<bitola> é um padrão pra ficar a madeira pro utensílio que virá da embarcação.  
(C.N., 2º, 35)

**Bitolar.** v.t.: Ação de padronizar as peças da embarcação, praticado pelo *carpinteiro naval*.

Cf.: Carpinteiro naval.

-< bitolar> a gente risca [com o compasso] e fica só uma grossura, aí não fica nem mais grosso e nem mais fino. (C.N., 2ª, 43)

**Broca chata.** S.T s.f.: Ferramenta de ferro roliço com ponta achatada, utilizada na *furadeira* e no *arco de pua*, com a finalidade de perfurar a madeira, para o encaixe de pregos e *parafusos*.

Cf.: Furadeira, Arco de pua.

V.: Palheta.

-A<broca chata>erve pra furar e meter o parafuso, prego se for muito grande. (C.N., 2º, 35)



## C

**Cabeça de prego.** S.T.s.f.: Ver: Escariador

-Chamo <cabeça de ferro>, tem gente que chama, me dá uma cabeça de prego.  
(C.L., 7ª, 56)

**Calafeto.** s.m.: Matéria-prima, composta por *algodão* molhado no *izarcão* com *óleo de linhaça*, utilizada pelo *calafate* no processo de calafetagem da embarcação.

Cf.: calafate, algodão, izarcão, óleo de linhaça.

-<calafeto> é o que a gente coloca na costura. (C.L.7ª, 56)

**Carcané.** s.m: Ferramenta de ferro, com espessura variada, utilizada pelo *calafate* no processo de calafetagem da embarcação, com a finalidade de empurrar o *calafeto* na *costura*.

Cf.: calafate, calafeto, costura.

-(...) o cara faz o calafeto na costura, e depois passa esse ferro <Carcané> em cima pra ele sentar, tem o <Carcané> de um, tem <Carcané> de dois. (C.L.7ª, 56)



**Calafetar.** v.t.: Processo de vedar a *costura* da embarcação com o *calafeto*, praticado pelo *calafate*, com a ajuda do *carcané* e da *marreta*.

Cf.: costura, carcané, marreta e calafate.

- ( ) <calafetar> é uma profissão, que a gente pinta o algodão com izarcão misturado com óleo de linhaça, a gente pinta e vai metendo na costura que é pra tapar, aí veda tudinho e depois imassa pra poder pintar (...) (C.L, 7ª, 41)



**Cavar.** v.t.: Ação praticada pelo *carpinteiro naval*, utilizando a ferramenta *enxó* e o *formão*, com a finalidade de moldar as peças de madeira utilizando a *enxó* ou *formão*.

Cf.: Carpinteiro naval, enxó, formão.

-Ela [enxó] cava na madeira pa poder encostar, por exemplo a táuba encostar no braço. (C.N., 2º, 35)



**Chave de boca.** S.T. s.f.: Ferramenta em aço, com uma extremidade aberta e outra fechada, em tamanhos variados, utilizada pelo carpinteiro naval para enroscar e desenroscar os *parafusos* nas embarcações.

Cf.: Parafuso, carpinteiro naval.

- ( ) são chaves de vários tamanhos, ( ) apertar parafuso principalmente, ( ) porque tem todo tamanho. (C.N., 2º, 21)



**Chave de caixa.** S.T. s.f.: Ferramenta em aço, de fabricação artesanal, com extremidade fechada que possibilita o encaixe de parafusos na ação de enroscar e desenroscar nas embarcações, praticada pelo *carpinteiro naval*.

Cf.: Parafuso, carpinteiro naval.

- É a <chave de caixa> que serve pra apertar o parafuso. (C.N.,2º, 21)

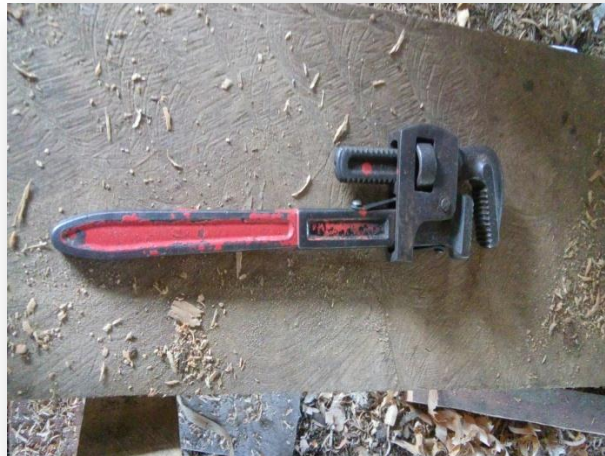


**Chave de tubo.** ST. s.f.: Ferramenta de ferro em tamanho grande, com extremidade regulável, utilizada pelo *carpinteiro naval*, para enroscar e desenroscar os *parafusos* maiores nas embarcações.

Cf.: Parafuso, carpinteiro naval.

V. chave inglesa.

-Essa é uma <chave de tubo> ( ) pra apertar parafuso que não tem a chave do tamanho, pa parafusos maiores. (C.N., 2º, 21)



NOTA: As chaves de tubo, geralmente, são utilizadas por encanadores.

**Chave inglesa.** S.T. s.f.: Ver.: Chave de tubo.

-Essa é a <chave inglesa>(…) serve pra apertar as porcas (…)ela tem um regulador de porca, posso usar em várias porcas ela é regulável. (C.N., 2º, 35)

**Chave de vela.** S.T. s.f: Ferramenta de ferro, em formato de “T”, em uma das extremidades fina e achatada e a outra em forma de tubo, utilizada pelo *carpinteiro naval* para afrouxar e apertar a vela do *motosserra*.

Cf.: carpinteiro naval, motosserra.

-Essa aí é uma <chave de vela> de afrouxa vela de motor, principalmente do motosserra que tem a vela, tem que afrouxar pra limpar. (P.T.4ª, 56)



**Compasso.** s.m.: Ferramenta de ferro regulável, com extremidade pontiaguda, utilizada pelo *carpinteiro naval* para riscar e *tirar o ponto*.

Cf.: Carpinteiro naval, tirar o ponto.

-Isso aí é um <compasso> ele serve pa riscar a madeira, pa bitolar a madeira, pa pontear também a madeira pa ela dá certo. (C.N., 2ª, 43)



Nota: O compasso também é utilizado como uma forma de trena para medir os tamanhos.

**Correia.** s.f.: Peça de borracha flexível, localizada embaixo da mesa da *serra circular*, utilizada para transmissão da rotação do motor.

Cf.: Motor da serra circular.

- ( ) Essa aí é a <correia> o nome dela, isso daí que vai pegar o outro rolo lá dentro da plainadeira pra poder girar e plainar a madeira. (C.N., 2º, 35)



## E

**Emassar.** v.t.: Processo de passar a *massa corrida* e/ou a *massa de cré* na *costura* da embarcação com o auxílio de uma *espátula*, praticado pelo *pintor* e *calafate* com finalidade de corrigir as imperfeições da embarcação e prepará-la para a pintura.

Cf.: pintor, calafate, massa corrida, massa de cré, costura, espátula.

- (...)Ele tá imassando, ele vai imassar e depois da massa seca ele vai passar uma lixa, pra de lá pintar.(C.N., 2º,35)



**Embracejar.** v.t.: Ação de montar os *braços* e *cavernas* no *fundo* ou na *quilha* da embarcação, praticada pelo *carpinteiro naval*, com a finalidade de deixar *embracejado*.

Cf.: braço, carpinteiro naval, quilha, fundo, caverna, embracejado.

- É montar os braços no fundo da embarcação. (C.N., 2º, 35)



**Embracejado.** s.m.: Etapa da construção da embarcação, na qual todos *braços* e *caverna* já estão montados no *fundo* ou na *quilha* da embarcação.

Cf.: braço, fundo, quilha, caverna.

-Essa [embarcação] aí já está com o fundo e está <embracejado> só pra esperar o forro. (C.N., 2ª, 43)



**Embracejamento.** s.m.: Processo de montar os *braços* e *caverna* no *fundo* ou na *quilha* da embarcação, praticado pelo *carpinteiro naval* para depois forrar.

Cf.: braço, fundo, quilha, caverna, cabeço, carpinteiro naval.

- Isso é o <embracejamento> da embarcação. Coloca os braço, depois a caverna, encabeça e bota o talabardão. (C.L. 7ª, 55)

**Espátula.** s.f.: Ferramenta de plástico ou de ferro, em formato achatado, utilizada pelo *pintor* no processo acabamento da embarcação.

Cf.: pintor.

-Essa é uma <espátula> que serve pra imassar. (P.T. 2º, 36)



Nota: A espátula pode ser de plástico ou de ferro, ambas são utilizadas pelo pintor.

**Enxó.** s.f.: Ferramenta de ferro, fixada ao cabo de madeira por meio da *peconha*, utilizada pelo *carpinteiro naval* para *beneficiar* a madeira com a finalidade de fazer as cavas, principalmente nos *braços* da embarcação.

Cf.: beneficiar, carpinteiro naval, peconha, braço.

-Ela <enxó> serve pra aparelhar a tábua, a<enxó> cava na madeira pra poder encostar, por exemplo: um braço pra encostar. (C.N., 2º, 35)



**Enxurtar.** v.t.: Ver.: Plainar.

- < enxurtar > é passar a tábua na plainadeira. (C.L., 4ª, 56).



**Esquadro.** s.m.: Ferramenta de ferro em formato de “L”, com uma espécie de régua em uma das extremidades, utilizada pelo *carpinteiro naval*, no processo de *esquadrear* a madeira para depois *cortar*.

Cf.: Carpinteiro naval, cortar, esquadrear.

-O <esquadro> serve pra esquadrear, ou seja, deixar quadrado. (C.N.; 2º, 35)



NOTA: O esquadro é utilizado juntamente com o lápis ou com o compasso para demarcar o lugar do corte.

**Escariador.** s.m.: Ferramenta de ferro comprida, com a ponta pequena e achatada, utilizada pelo calafate no processo de calafetagem dos furos pequenos da embarcação.

-Ele é próprio pra fazer buracozinho, tem aquele buracozinho na madeira, prego, quando tá vazando, aí a gente faz ao redor do prego, é com esse ferro aí, ele é próprio pra fazer esse serviço. (C.L., 7ª, 56)



**Escariar.** v.t.: Processo de empurrar o calafeto nas *costuras* menores da embarcação, praticado pelo *calafate* com o auxílio do *escariador* e da *marreta*.

Cf.: costura da embarcação, calafate, escariador, marreta.

- o escariador serve pra <escariar>, ou seja, empurrar mais pra ficar um pouco dentro da costura. (C.N., 2º, 35)

**Esquadrejar:** v.t.: Processo de alinhar o canto da madeira, com a finalidade de demarcar a madeira para deixá-la com o formato quadrado, praticado pelo *carpinteiro naval* com a ajuda do *esquadro*.

Cf.: esquadro.

- <esquadrejar> é deixar no esquadro, ou seja, quadrado. (C.N., 2º, 35)

**Estaleiro.** s.m.: Espécie de galpão coberto e aberto nas laterais, onde o *carpinteiro naval* pratica o ofício da fabricação artesanal de embarcações, localizado nas proximidades de rios ou igarapés.

- O <estaleiro> é onde a gente prepara as embarcações. (C.N., 2º, 35)



**Esmeril.** s.m.: Ver: Pedra de amolar.

- Isso é um <esmeril> pra amolar ferramenta. (P.T., 2º, 36)

## F

**Ferro de cova.** S.T. s.m.: Ver: Parmeta curvada.

- Esse é o <ferro de cova> pra calafetar o redondo do barco. (C.L., 7ª, 41)

**Formão adaptado.** S.T. s.m.: Ferramenta de ferro longo, com aproximadamente 50 centímetros, em sua maior parte achatada, utilizada pelo *carpinteiro naval* para fazer uma perfuração profunda, com o auxílio da *marreta*, para o encaixe do *telescópio*.

Cf.: Telescópio, carpinteiro naval.

- É um < formão adaptado > pra furar o telescópio, ( ) foi adaptado pra isso, porque ele é mais comprido. (C.N., 2º, 21)



NOTA: O formão adaptado é confeccionado em oficinas de torneamento, pois seu formato é de maior porte e não é encontrado em lojas de ferragens e utilizado exclusivamente para adaptar o telescópio.

**Formão.** s.m.: Ferramenta de ferro, em formato achatado com cabo de madeira, utilizada para *cavar* pequenas partes da madeira com o auxílio da *marreta*.

Cf.: Cavar, marreta.

-É um <formão> ele serve pra cavar várias coisas. (C.N., 2ª, 43)



**Folha da enxó.** s.f.: Ver: Lâmina da enxó.

-Só tá a <folha da enxó> não tem o cabo. (P.T., 4ª, 56)

**Furadeira.** s.f.: Ferramenta elétrica, com *broca* removível, utilizada para perfurar as embarcações com a finalidade de encaixar o prego *galvanizado* e os *parafusos*.

Cf.: broca, prego galvanizado, parafuso.

- Ela fura que é pra pregar prego nas tábuas nas embarcações. (C.N., 2ª, 43)



## G

**Gerador.** s.m.: Ver: Motor .

- Esse é um <gerador> que pega lá no outro instrumento que é o jacaré pa rodar a serra. (C.N.,2º, 35)

**Grampo.** s.m.: Ferramenta de ferro em formato de “c”, com uma espécie de parafuso regulável na parte inferior, utilizada para apertar uma peça de madeira para que o parafuso fique bem apertado durante a montagem.

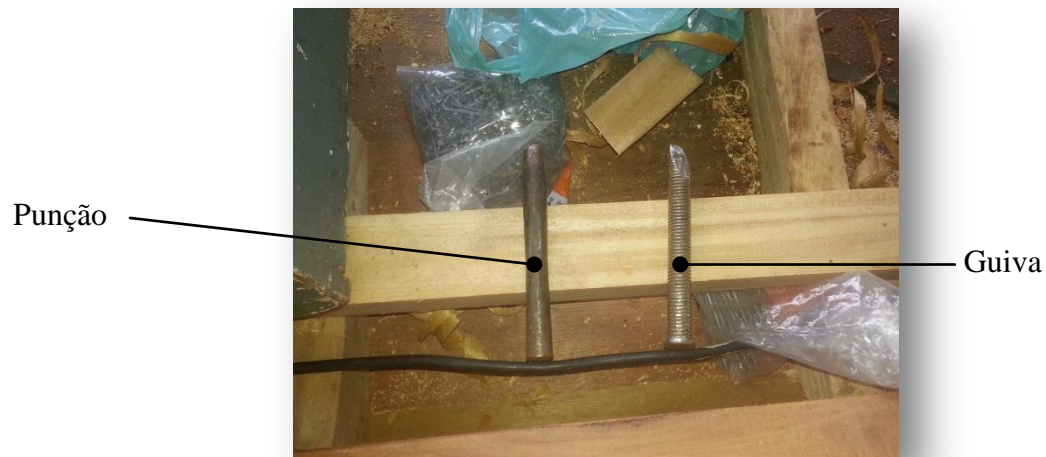
-Isso é o <grampo> isso ajuda a gente segurar a tábu, quer ver quando tem só um trabalhando, a gente vai lá, aperta, tipo tá ajudando a gente aperta a tábu. (C.N.,2º,21)



**Guiva.** s.f.: Ferramenta de ferro em formato roliço, com uma das extremidades pontiaguda, utilizada para *cavar* ao redor da cabeça dos *pregos* e *parafusos*, para depois utilizar o *punção* para recolhe-los.

Cf.: Cavar, Prego galvanizado, parafuso, punção.

- Essa é a <guiva> serve pra fazer uma pequena cava que a gente chama de buera na embarcação onde você vai pregar o prego pra aquela cabeça do prego entrar dentro da madeira (C.N.,2º, 21)



## L

**Lâmina da plaina.** S.T.s.f.: Peça de ferro, com lâmina em uma das extremidades, utilizada nas *plainas manuais* para beneficiar a madeira.

Cf.: Plaina manual, plainar, beneficiar.

V.: folha da enxó.

-Essa é a <lâmina > que coloca na plaina manual pra limpar a tábua. (C.N., 2º, 35)



**Lima triângulo.** S.T. s.f.: Ferramenta de material abrasivo, com cabo de madeira, em formato de um triângulo comprido, utilizada para amolar o dente do *serrote*.

Cf.: serrote

-Essa aí é uma < lima triângulo > ( ) pra amolar o serrote ela. (C.N., 2ª,43)



**Lima redonda.** S.T. s.f.: Ferramenta de material abrasivo, com cabo de madeira, em formato roliço, utilizada para amolar a corrente do *motosserra*.

Cf.: motosserra.

-Chama <lima redonda> ela amola a corrente do motosserra. (C.N., 2ª,43)



## M

**Machada.** s.f.: Ver: Machado.

-É a <machada>, ( ) ela serve pa lavar a madeira, e depois vem a plainadeira pa dá o acabamento. (C.N., 2º, 35)

**Machado.** s.m.: Ferramenta de ferro maciço e pesado, com lâmina em uma das extremidades e cabo de madeira, utilizado pelo *carpinteiro naval* para *cortar* as peças maiores das embarcações.

V.: machada.

-Ele o <machado> serve também pra cortar a madeira.  
(quando usa o machado?)

- Quando o motosserra não consiga pegar uma parte que a gente preciso pegar da adeira, a gente usa ele. (C.N., 2ª, 43)

Machado



Nota: O machado já é pouco usado, pois a motosserra é mais rápida.

**Martelo.** s.m.: Ferramenta de ferro com uma das extremidades em formato de “U”, utilizado para bater e/ou arrancar o prego, possui um cabo de madeira, utilizada pelo *carpinteiro naval*.

Cf.: carpinteiro.

- Uma das principais ferramentas do carpinteiro é o <martelo>. (C.N., 2ª, 43)



**Marreta.** s.f.: Ferramenta de ferro maciço e pesado, com cabo de madeira, utilizado pelo *calafate* no processo de calafetagem das embarcações.

Cf.: Calafate.

- A <marreta> é a ferramenta do calafate, tem de um quilo, tem de dez. (C.L.7ª, 56)



**Metro.** s.m.: Ver.: Trena.

- [metro] serve pra medir as peças da embarcação, mede tudo. (C.N., 2º, 21)



**Molhadeira.** s.f.: Peça de madeira quadrada, utilizada pelo *calafate*, para *pintar* o algodão com a mistura do *izarcão* com o *óleo de linhaça* para *calafetar* a embarcação.

Cf.: calafate, algodão, izarcão, óleo de linhaça, calafetar, pintar.

-Isso é uma peça que se molha o pavio, se chama de < molhadeira>(…), a gente pinta o pavio, faz a massa. (C.L. 7ª, 56)



**Motor da serra.** S.T. s.m.: Motor elétrico, utilizado na *serra circular* e na *plainadeira elétrica*, para movimentar a serra através da *correia*.

Cf.: Serra circular, Correia.

-Esse aí é o <motor> que liga pra ligar a serra. (C.N., 2ª, 43)



**Motosserra.** s.f.: Máquina com correntes dentadas, movida à gasolina, utilizada para *cortar* madeira e fazer acabamentos em peças para a embarcação.

Cf.: cortar.

- A <motosserra> é usada quando a madeira é maior. (C.N., 2º, 21)



## N

**Nível de mão.** ST. s.m.: Ferramenta de madeira, com uma pequena quantidade água presa no centro da madeira, utilizada pelo *carpinteiro naval* no nivelamento das embarcações de forma vertical.

Cf.: carpinteiro naval.

- O <nível de mão> é pa nivelar na horizontal, pro embarcação não ficar doida.  
(C.N., 2º, 21)



Nível de mão

## O

**Obra morta.** S.T.s.f.: Etapa da construção da embarcação, na qual a embarcação já encontra-se armada até o *acatrate*, que consiste apenas em acabamento.

- <obra morta> é o acabamento do barco. Depois do *acatrate* e <obra morta>. (C.N., 2º, 43).

**Óleo queimado.** ST. s.m.: Produto químico derivado do petróleo retirado de motores à combustão, utilizado para lubrificação da plainadeira e motosserra.

-É utilizado na plaina industrial pra melhor descer a prancha pra ser beneficiada.  
(C.N., 2º, 35)



NOTA: O óleo queimado também é utilizado para proteger a madeira contra cupins.

## P

**Paucxis.** s.m.: Ver: Poxxis.

-Ferramenta mais difícil e mais caro. <paucxis> que esse ai que é pa plainar os braçame da embarcação, que a plaina não faz curva, essa faz. (P.T., 4ª, 56)

**Palmeta.** s.f.: Ver: Parmeta.

-A <palmeta> é pra calafetar, pra meter o algodão pra na costura. (P.T., 4ª, 56)

**Parmeta.** s.f.: Ferramenta de ferro, com a ponta achatada e fina, utilizada pelo *calafate*, com a finalidade de empurrar o *calafeto* para dentro da *costura* com o auxílio da marreta.

Cf.: calafate, calafeto, costura.

- Essa se chama <parmeta> (...), tem uma espessura mais fina que é o que a gente leva o algodão pa dentro da costura. (C.L. 7ª, 56)



**Parmeta curvada.** S.T. s.f.: Ferramenta de ferro, com a ponta em diagonal, utilizada pelo *calafate* na calafetagem do *redondo* da embarcação com o auxílio da *marreta*.

Cf.: calafate, redondo, marreta.

- A < parmata curvada > é própria pa fazer o redondo barco que é curvado. (C.L., 7ª, 56)



**Palheta.** s.f.: Ver.: Broca

- ( ) a gente chama de <palheta>, ( ) pra furar pra meter o parafuso. (C.N., 2º, 21)

**Peconha.** s.f.: Peça de ferro, utilizada para prender a *enxó* no cabo de madeira.

Cf.: Enxó.

- Ela segura a enxó no cabo. (C.N., 2º, 35)



**Pedra de amolar.** S.T.s.f.: Paralelepípedo de material abrasivo, utilizado para amolar as ferramentas cortantes como: *formão*, *inxó*, *plaina manual*.

V.: Amolador, pedra de afiar, esmeril.

-Ela <pedra de amolar> amola sempre o formão, a inxó, a plaina manual. (C.N. 2ª, 43)



**Pedra de afiar.** S.T. s.f.: Ver: Pedra de amolar.

- Pra amolar as ferramentas como a plaina e a machada. (C.N., 2º, 35)

**Pega.** s.f.: Ver: Peconha.

- Essa aí é a <pega> da enxó, de atracar a inxó no cabo. (P.T., 7ª, 56)

**Pincel.** s.m.: Ferramenta de plástico com cabo comprido e cerdas em uma das extremidades, utilizada pelo *pintor* na pintura das embarcações.

Cf.: pintor.

-Se chama <pincel> que a gente usa pra pintar a embarcação, no acabamento. (P.T., 2º, 36)



**Pintar.** v.t.: Processo de revestir as embarcações com *tinta a óleo* e/ou fundo branco, praticado pelo *pintor*, utilizando o *rolo* ou *pincel*.

Cf.: pintor, tinta a óleo, rolo, pincel.

-A gente pinta com o pincel , a tinta olho e também com o rolo. (P.T. 2º, 36)



**Pintar o algodão.** S.T. v.t.: Processo de *pintar o algodão* com *zarcão* e *óleo de linhaça*, praticado pelo *calafate* com a finalidade de deixá-lo resistente para o *calafeto*.

Cf.: pintar, algodão, zarcão, calafate, calafeto.

- Agente pinta o algodão com izarcão e olho de linhaça na molhadeira. (C.L. 7ª,55)

**Plainar.** v.t.: Processo de *beneficiar* a madeira, praticado pelo *carpinteiro naval*, tanto na *plainadeira* quanto na *plaina manual*, com a finalidade de retirar as imperfeições.

V.: Enxurtar

Cf.: Carpinteiro naval, beneficiar, plainadeira, plaina manual.

-<plainar> é beneficiar, deixar bem lisinha. (C.N. 2ª, 43)



**Plaina manual.** S.T. s.f.: Ferramenta de ferro, com dois suportes de madeira e com lâmina na parte inferior, utilizada pelo *carpinteiro naval* para *beneficiar* a madeira com a finalidade de retirar as imperfeições para ajusta-la.

Cf.: Lâmina da plaina manual.

- Na <plaina manual> tem que utilizar aí a mão, mete a mão nesse cabo que é pra plainar com ela a madeira, essa <plaina manual> a gente já plaina os cantos da tábua. (C.N., 2ª, 43)



**Plainadeira.** s.f.: Máquina de ferro elétrica, de grande porte, utilizada para *beneficiar* a madeira com a finalidade de retirar as imperfeições.

Cf.: beneficiar.

-(...)quando plaina, ela (tábua) fica bem lisinha né, (...) desengrossa todos os caroços que tem na madeira, fica bem certinho, fica só uma grossura. (C.N., 2ª, 43)



**Plainadeira industrial.** S.T.s.f.: Ver: Plainadeira.

- essa se chama < plainadeira industrial > pra plainar as tábuas, plaina qualquer tipo de tábuas. (P.T., 4ª, 56)

**Plumo.** s.m.: Ferramenta composta de ferro maciço, fio de nylon e um pequeno pedaço de madeira, utilizado para alinhamento das embarcações.

-Serve pra aplumar a embarcação, (O que é plumar?) é não deixar torta, deixar ela reta. (C.N. 2º, 35)



**Pocxis.** s.m.: Ferramenta de aço, com dois suportes laterais para as mãos, que corresponde a uma *plaina manual* pequena, utilizada para *beneficiar* a madeira onde a plaina manual não alcança.

Cf.: beneficiar, plaina manual.

-Serve pra plainar as curvas, a madeira assim, que for curvada, onde a plaina não pega, aí já faz o trabalho da plaina, pra plainar por dentro. (C.N., 2ª, 43)



**Punção.** s.m.: Ferramenta de ferro roliço com ponta grossa, utilizada para rebater a cabeça do *prego* com finalidade de escondê-lo nas tábuas com o auxílio da *marreta*.

Cf.: prego, marreta.

-O <punção> tem a utilidade de recarcar o prego, pra empurrar o prego pra buera que a guíva faz, pra esconder a cabeça do prego ou do parafuso. (C.L., 7ª, 56)



# R

**Raspadeira.** s.f.: Ferramenta de ferro em formato de “S”, com ponta em uma das extremidades e na outra uma espécie de mini pá, utilizada pelo *calafate*, no processo de limpar o *calafeto* velho das costuras no reparo da embarcação.

Cf.: calafate, calafeto.

- Essa é a <raspadeira>, com maújo, aqui fica a raspadeira e aqui o maújo. O maújo ele se torna uma ponta fina que é pa tirar o calafeto antigo, pa limpa. (C.L., 7º, 56)



**Rolo.** s.m.: Ferramenta de espuma, com cabo de plástico, utilizado por *pintores* para *pintar* as partes maiores das embarcações.

Cf.: Pintor, pintar.

- O <rolo > é utilizado para as partes maiores, e onde o rolo não pega a gente usa o pincel. (P.T.,4ª, 56)



Rolo

# S

**Sargento.** s.m.: Ferramenta de ferro de grande porte, com uma espécie de *parafuso* em uma das extremidade, utilizada para aproximar peças maiores da embarcação onde o *grampo* não alcança.

Cf.: Grampo, parafuso.

-O <sargento> é mais utilizado para as partes mais grossas e maiores onde o grampo não cabe. (C.N., 2º, 35)



**Serrotar.** v.t.: Ação de ajustar a *tábua*, praticada pelo *carpinteiro naval* com o auxílio do *serrote ponta fina*, para unir as tábuas.

Cf.: tábuas, carpinteiro naval, serrote ponta fina.

- A gente une a tábuas, aí fica um espacinho pra <serrotar> a tábuas, a gente uni a tábuas aí fica um espacinho apertado num lugar e folgado no outro, aí, mete no meio e serrota pra ela ficar justa. ( C.N., 2º, 21)

**Serra circular.** ST. s.f.: Ferramenta de ferro em formato de disco dentado, utilizado pelo *carpinteiro naval* para cortar em tamanho e forma necessária as madeiras das embarcações.

Cf.: carpinteiro naval.

-A <serra circular> beneficia a madeira, ou seja, corta. (C.N., 2º, 35)



Serra circular

**Sentar o motor.** S.T. s.m.: Processo de adaptar o motor no ficher, localizado na parte inferior traseira da embarcação, pelo *carpinteiro naval*.

Cf.: carpinteiro naval.

- O ficher pode ser de piquiá, pra sentar o motor em cima pra ficar alinhado. (C.N., 2º, 21)

**Serrar.** v.t.: Ação de cortar a madeira em tamanho e forma necessária, praticada pelo *carpinteiro naval*, , utilizando a *serra circular* e/ou *serrote*.

Cf.: Carpinteiro naval, serra circular, serrote.

V.: beneficiar.

- < serrar > é beneficiar, a gente usa o serrote ou passa na serra circular. (C.N., 2ª, 43)



**Serrote ponta fina.** ST. s.m.: Ferramenta de ferro dentado com cabo de madeira, adaptado para *serrar as* partes da madeira que possuem curva, que o *serrote* inteiro não consegue fazer.

Cf.: serrote, serrar.

-Esse aí nós adaptamo, ele aí, pra fazer um serrote de curva, pra serrar um braço que precisa fazer uma curva. (C.N., 2ª, 43)



**Suta.** s.f.: Ferramenta de aço regulável, semelhante a um *esquadro*, utilizada pelo *carpinteiro naval* como molde de uma peça para confeccioná-la.

Cf.: Esquadro, Carpinteiro naval.

- Serve pra cortar uma tábua que esteja meio inclinada, aí coloca a suta e aí vem e coloca na tábua e risca e corta.
- Afroxa esse parafuso pra regula. (C.N., 2ª, 43)



NOTA: a diferença entre a suta e o esquadro é a regulagem, enquanto a suta regula o ângulo a ser marcado, o esquadro não.

# T

**Tirar o ponto.** ST. v.t.: Ação praticada pelo *carpinteiro naval*, com o auxílio do *compasso* com a finalidade de estabelecer a espessura da madeira para o corte.

Cf.: Carpinteiro naval, compasso.

-<tirar o ponto> é tirar a medida certa pra dextra só num tamanho. (C.N. 2ª, 43)



**Trena.** s.f.: Ferramenta de aço, que possui uma fita métrica enrolada, utilizada para medição de peças e embarcações.

V.: Metro

-Com a <trena> mede qualquer coisa, o braço, o balaastro. (C.L.7ª,41)



# Matérias-primas, peças e partes da embarcação

## A

**Acatrate.** s.m.: Parte da embarcação feita de madeira, localizada na *borda*, utilizada para enfeitar e reforçar a atracação da estrutura da embarcação e para esconder os *cabeços*.

-É um acabamento do barco, o <acatrate> vai esconder as juntas da tábuas e as pontas do braço que vem de baixo. (C.N., 2ª, 43).



Acatrate

**Algodão.** s.m.: Matéria-prima bruta, utilizada pelo calafate no processo de *calafetar* a embarcação.

Cf.: Calafetar.

V.: algodão branco.

- O <algodão > ainda não tá pintado com zarcão. (C.N. 2º, 21)



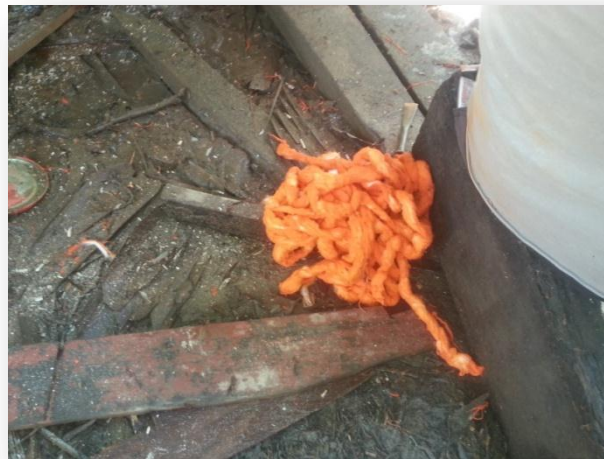
**Algodão branco.** S.T. s.m.: Ver: algodão.

- Esse é o <algodão branco> que não tá pintado, o calafate pinta com óleo de linhaça e izarcão. (C.L. 7ª, 55)

**Algodão pintado.** ST. s.m.: Matéria-prima pintada com *óleo de linhaça* e *izarcão*, utilizada pelo calafate para *calafetar* a embarcação.

Cf.: Óleo de linhaça, zarcão, calafetar.

- Aí tá o <algodão pintado> pronto pra calafeta. (C.L. 7ª, 55)



**Argola.** s.f.: Peça de ferro em formato circular, localizado nas laterais na parte de fora da embarcação, utilizado para amarrar e rebocar outras embarcações.

- Pra amarrar o cabo onde vai atracar a embarcação. (C.N. 2º, 35)



**Armação.** s.f.: Etapa da construção da embarcação, composta pela *quilha*, *talhamar*, *braços* e *friso*.

Cf.: Braço, quilha, talhamar, friso.

-A <armação> tá completa, tá com escoa, tá com os braçame, caverna e sobrequilha.  
(P.T. 4ª, 56)



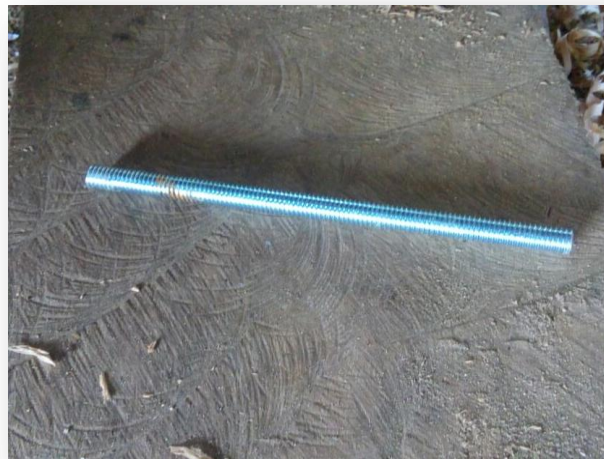
## B

**Barra de rosca.** ST.s.f.: Matéria-prima de ferro, de aproximadamente um metro de comprimento, utilizada pelo *carpinteiro naval* com a mesma finalidade de um *parafuso*.

Cf.: carpinteiro naval, parafuso.

V.: vara rosqueada, perno.

- Usa a <barra de rosca> quando o parafuso se tona pequeno. ( C.N., 2º, 35)



Nota: A barra de rosca é utilizada quando não tem para vender o tamanho do parafuso desejado.

**Bailéu.** s.m.: Parte da embarcação coberta, localizada na *proa* da embarcação, utilizada para as pessoas entrarem na embarcação.

Cf.: Proa.

- A <proa> fica na frente e a popa atrás. Quando é grande chama convés. (C.N., 2º, 21)



**Balaostro.** s.m.: Parte da embarcação de madeira, em forma de coluna, localizada nas laterais da embarcação, utilizada para sustentar a *torda*.

Cf.: Torda.

V.: pino.

-Esse <balaostro> serve pra sustentar a torda. (C.N., 2º, 21)



**Balaostro torneado.** ST. s.m.: Peça de madeira torneada, utilizada na *popa* da embarcação, com a finalidade de enfeite e proteção.

Cf.: Popa.

- Esse aí, é com um acabamento que a gente manda fazer no marceneiro pra enfeitar a embarcação. (C.N., 2º, 35)

Balaostro  
torneado



**Boca da escotilha.** ST s.f.: Parte da embarcação, localizada no centro, que dá acesso ao *porão*, utilizada como entrada para a *urna*.

Cf.: barco pesqueiro, porão, convés, urna.

- A <boca da escotilha> é pa alcançar o porão lá dentro, só isso. (C.N., 2º, 21)

Boca da escotilha



**Braço.** s.m.: Peça de madeira, com curva acentuada em uma das extremidades, utilizada pelo *carpinteiro naval* no embracejamento da embarcação.

Cf.: Carpinteiro naval, embracejamento.

- O <braço> é tirado do piquiá, e tem uma curva, o outro é o cabeço. (C.N., 2ª, 43)



**Braçame.** s.m.: Parte da embarcação, composto pelo conjunto de *braço*, *caverna* e curva do braço.

Cf.: Braço, caverna.

- Quando tá assim, a gente chama de <braçame>. (C.N., 2º, 35)



**Bucin.** s.m.: Peça metálica, enroscada e alinhada ao *telescópio*, com a finalidade de impedir a entrada de água, de fora para dentro da embarcação.

Cf.: Telescópio.

-Esse é o <bucin> que segura a entrada do telescópio. (C.L., 7ª, 56)



**Bueira.** s.f.: Orifício feito por *formão* e *guiva*, na parte inferior da embarcação, utilizado para escorrer a água que entra pela proa da embarcação.

Cf.: Formão, Guiva

- É preciso ter <bueira> pra poder escorrer a água da proa. (P.T. 4ª, 56)



**Bulina.** s.f.: Ver: Flape.

-Essa aí é a <bulina> ela serve mais quando o barco (...) fica muito dançando, o pessoal chama meio doido, aí a gente coloca essa bulina e ele[o barco] ataria na água. (C.N., 2ª, 43)

## C

**Cabine.**s.f: Ver: Comando.

- A <cabine> onde o piloto fica pilotando o barco. (C.L.,7º, 56)

**Cadrasto.** s.m.: Peça de madeira em forma de coluna, localizado entre a *quilha* e a *sobrequilha*, utilizada para sustentar a *armação* e alinhar o *telescópio*.

Cf. Quilha, Armação, Telescópio.

-Esse <cadrasto> aí serve pra segurar as pontas das tábuas que vem das primeiras tábuas, como também pra segurar o telescópio do motor. (C.N., 2ª, 43)

Cadrasto



**Caixa de farol.** ST s.f.: Parte de embarcação em formato de caixa, utilizada para colocar a sinalização, localizada nas laterais da *torda* da embarcação.

Cf.: Torda.

-Tem duas cores, a gente faz a <caixa de farol>, eu não conheço essa parte da sinalização. (C.N., 2º, 21)



Caixa de farol

**Camaleão.** s.m.: Peça de madeira utilizada em toda a lateral da parte superior da embarcação com a finalidade de embelezá-la.

V.: varanda.

-Essa parte vai embora lá pra trás, é uma proteção, pra se firmar, pro camarada não escorregar. (C.N., 2ª, 43)

Camaleão



Nota: O modelo varia de acordo com o gosto do comprador.

**Camarote.** s.m.: Parte da embarcação, localizada atrás do *comando*, utilizada como quarto pelo piloto da embarcação.

Cf.: comando.

- E pra colocar o material, negoço de roupa, e dormir também dentro. ( C.N., 2ª, 43)

**Caixa de ferramenta.** S.T. s.f.: Caixa de madeira quadrada com tampa, utilizada pelo *carpinteiro naval* para guardar as ferramentas.

Cf.: Carpinteiro naval.

- Essa é a <caixa de ferramenta> a gente usa pra guarda as ferramentas. (C.N., 2ª, 43)



**Capota.** s.f.: Parte traseira da embarcação, que funciona como uma segunda *torda*, em formato de gaiola, com a finalidade de abrigar do sol.

Cf.: torda.

V.: Chapéu de sol.

- É uma <capota> que a gente chama pra isso aí, (...) Ela é pra ficar embaixo, pra se proteger do sol. (C.N., 2ª, 43)

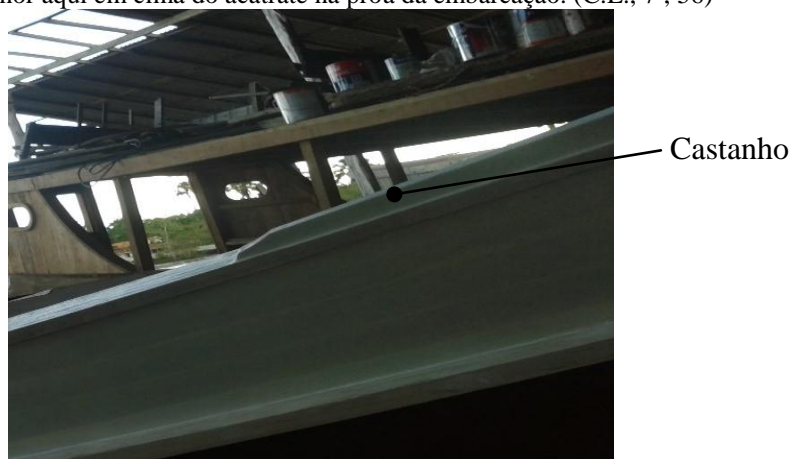


Nota: Esse tipo de capota, hoje é comum em barco pesqueiro, mas, antigamente não existia, era descoberto e o piloto ficava desprotegido.

**Castanho.** s.m.: Parte da embarcação de madeira, localizada em cima do *acatrate*, utilizada como ornamento, com finalidade estética.

Cf.: Acatrate.

- É essa parte menor aqui em cima do acatrate na proa da embarcação. (C.L., 7ª, 56)



NOTA: O castanho não é utilizado em todos os tipos de embarcações, é mais frequente nas de grande porte.

**Caverna.** s.f.: Peça de madeira longa, utilizada pelo carpinteiro naval para alongar o braço quando a embarcação é de grande porte.

-Essa é uma <caverna> que vai fazer a vez de um braço que tem que ser maior. A <caverna> ela vem pegar uma parte do braço que vem imendar com ela. (C.N., 2º, 35)



Caverna

**Cazinhola.** s.f.: Ver: Capota.

- Isso aí é a <cazinhola>, é po piloto que antes ficava desprotegido. (P.T. 4ª, 56)

**Comando.** s.m.: Parte da embarcação em formato de cabine, localizada na frente ou atrás dependendo do tipo de embarcação, utilizado para comportar o *timão*.

Cf.: Timão

V.: Cabine.

-É o piloto que fica aí dentro aí, fica pilotando o barco no <comando>. (C.N.2ª, 43)



Comando

**Cambota da torda:** s.f. Peça de madeira com leve curvatura, localizada na parte superior interna da embarcação, utilizada como suporte do assoalho da *torda*.

Cf.: Torda.

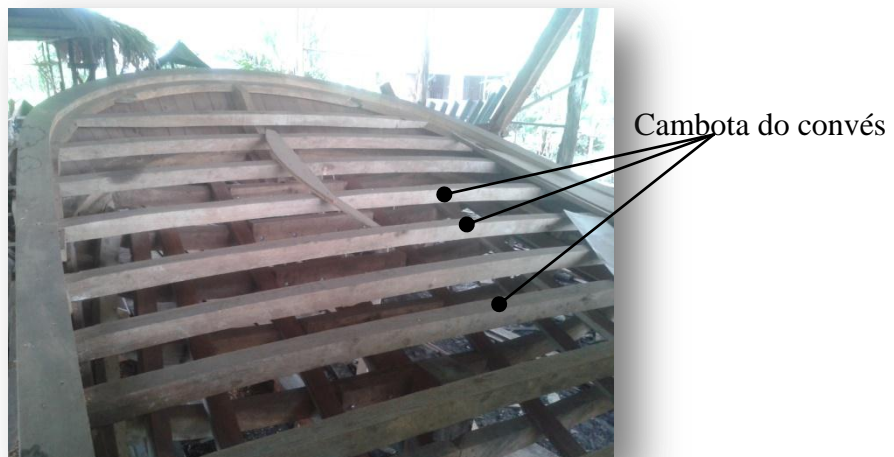
-Essa < cambota > é um pouco curvada pra não deixar a água parada na torda. (C.N., 2º, 21)



Nota: A cambota tem o formato curvado para que a água que cai sobre a torda escorra.

**Cambota do convés.** S.T. s.f.: Peça de madeira com uma leve curvatura, utilizada como estrutura para segurar o forro do convés.

-É na cambota que vai pregar as tábuas. (C.N., 2º, 35)



**Cabeço.** s.m.: Parte da embarcação, localizada nas laterais, entre os *braços*, utilizada para segurar o *friso* e a *borda*.

Cf.: friso, borda.

- Isso se chama < cabeço > ele serve pra segurar o friso e a borda vão ser segurado nele e o resto de cima também. (C.N., 2º, 43)



**Costura.** s.f.: Frestas entre as *tábuas*, onde o *calafate* insere o *calafeto*, localizada na parte inferior da embarcação.

Cf.: calafate, calafeto, tábua.

- São as pequenas abertura que ficam entre as táubas embaixo da embarcação. (C.N., 2º, 35)



**Cordão do zinco.** S.T. s.m.: Parte da embarcação, localizada na borda da torda, utilizada pelo *carpinteiro naval* para esconder a sobra do zinco da *torda*.

Cf.: torda, carpinteiro naval.

- Esse aqui é o <cordão do zinco> ele serve pra pregar o beco do zinco que vis sobrar aqui. (C.N., 2º, 35)



## E

**Escoa.** s.f.: Peça de madeira, localizada na parte interior das laterais da embarcação, utilizada para apertar os *braços* e dar firmeza na embarcação.

Cf.: Braço.

- As < escoas > elas servem que nem o friso, pra reforçar as embarcações. (C.N., 2º, 35)



**Espinha.** s.f.: Peça de madeira, localizada na parte inferior da *popa* da embarcação, com a finalidade de sustentar o *embracejamento* do *redondo* da embarcação.

Cf.: popa, embracejamento, redondo.

- Essa daí é a <espinha> a gente coloca que justamente pra dar esse acabamento do embracejamento que vai subir em cima dessa < espinha>. (C.N, 2ª, 43)



Espinha

## F

**Farca.** s.f.: Ver: Tábua

-<farca> é uma madeira comprida, pra poder pregar na embarcação. (P.T. 4ª, 56)

**Flape.** s.m.: Peça de madeira, localizada nas laterais da embarcação, do meio para trás, utilizada para estabilizar a embarcação na água.

V.: Bulina.

- < Flape> serve pra não afundar muito a embarcação. (C.N., 2º, 35)



Flape

**Friso.** s.m.: Parte de embarcação de madeira, localizado nas laterais, utilizada para comprimir o *braço* da embarcação, além de impedir impacto externo direto.

Cf.: Braço.

-Ele serve mais pra reforçar a embarcação e dá pra andar pelo lado. (C.N., 2º, 35)



**Fôrma.** s.f.: Peça de madeira, com uma curva em uma das extremidades, utilizada como molde na fabricação da *curva do braço*.

Cf.: Curva do braço.

-Isso é uma <forma> que a gente tira o braço. (C.N., 2ª, 43)



**Fundo da embarcação.** S.T. s.m.: Parte inicial da embarcação, onde é montado os *braços* e *cavernas*, com extremidade do início ao fim da embarcação.

Cf.: braço, caverna.

- É o início da embarcação pequena. (C.N. 2º, 21)



Fundo da embarcação

**Fundo branco.** S.T. s.m.: Matéria-prima, utilizada pelo *pintor* no processo de acabamento, antes de passar a *massa corrida*, utilizada com o *rolo* para preparar o *forro* para receber a tinta.

Cf.: pintor, massa corrida, rolo, forro.

-É o <fundo branco> que a gente passa pra fixar a massa corrida. (P.T., 2º, 36)



G

**Gigante.** s.m.: Peça de ferro, utilizada como suporte para amarrar o cabo, com a finalidade de atracar a embarcação no local desejado.

-Esse gigante é de ferro, pra amarra a embarcação. (C.N., 2º, 21)



**Guarda forro. S.T.** s.m.: Parte da embarcação, localizada na borda da *torda*, utilizada para esconder o forro da *torda*.

Cf.: Torda.

V.: Guarda fogo

-É o <guarda forro> porque ela tá guardando o forro da torda que está encima da cambota. (C.N., 2º, 35)



Guarda fogo. S.T. s.m.: Ver.: Guarda forro.

-É <guarda fogo> de esconder as farcas da tolda, chama de <guarda fogo>. (P.T. 4ª, 56).

**Izarcão** s.m.: Produto químico, misturado ao *óleo de linhaça* que serve para pintar o *algodão*, utilizado no processo de *calafetar* a embarcação.

Cf.: óleo de linhaça, algodão, calafetar.

V.: Zarcão.

- É um pó laranjado, semelhante ao urucum, pra misturar no olho de linhaça pra pintar o algodão. (C.N., 2º, 35)



## J

**Janela**. s.f.: Parte da embarcação com uma abertura, localizada nas laterais, utilizada para arejar a embarcação.

-Isso se chama janela, pra ventilar né. (C.L., 4ª, 56)



Janela

## M

**Massa de cré.** ST. s.f.: Matéria-prima feita da mistura do *óleo de linhaça* com o *cré*, colocada por cima do *algodão pintado* na costura da embarcação, com a finalidade de *vedar* a parte inferior da embarcação.

Cf.: Óleo de linhaça, cré, algodão pintado, vedar.

- É a mistura do cré e o óleo, pra dar o acabamento depois do pavio. (C.N., 2º, 35)



Massa de cré

**Massa corrida.** ST. s.f.: Matéria-prima pastosa, utilizado pelo pintor no processo de acabamento com a *espátula*, e a finalidade de tirar as imperfeições das embarcações.

- <Massa corrida> pra deixar ela [madeira] mais lisa antes da pintura. (P.T., 2º, 36)



**Mastro.** s.m.: Parte da embarcação, em formato de cruz, localizada na *torda*, utilizada como ornamento, com finalidade estética.

Cf.: Torda

-Esse <mastro> aí é mais pra fazer um detalhe no barco NE, ter mais um enfeite.  
(C.N., 2ª, 43)



**Matrizada.** s.f.: Peça de madeira em formato de “v”, utilizada na *proa* e na *popa* da *cano*a, com a finalidade de fixar as *farca*s da embarcação.

Cf.: proa, popa, farca.

- A <matrizada> é utilizada na fabricação da canoa. (C.N., 2º, 21)



Matrizada

**Matrizada de proa.** S.T. s. f.: Peça de madeira em formato d “V”, localizada na proa da embarcação, onde a ponta das tábuas são fixadas.

Cf.: matrizada.

- Essa é a <matrizada> da proa da embarcação. (C.N., 2ª, 43)



**Motor rabudo.** ST. s.m.: Motor movido à gasolina, com um eixo longo utilizado na *popa* das embarcações de pequeno porte.

Cf.: Popa.

-É um <motor rabudo> como a gente chama isso. (C.N., 2º, 21)



NOTA: O motor rabudo é mais utilizado na popa da embarcação.

## O

**Óleo de linhaça.** ST. s.m.: Produto químico utilizado no preparo da *massa de cré* e do *zarcão*, com a finalidade de fixá-lo ao *algodão pintado*.

Cf.: Massa de cré, Zarcão, Algodão pintado.

- <Ólho de linhaça> que mistura no izarcão e pinta o algodão. (C.L., 7ª, 41)



## P

**Parafuso.** s.m.: Matéria-prima de ferro em formato roliço, utilizada para fixar as partes mais grossas da *armação* da embarcação, onde o prego não alcança.

Cf.: Armação.

-O <parafuso> é utilizado pra apertar os braços da embacção. (C.N., 2ª, 43)



**Peça de piquiá.** s.f.: Matéria prima bruta, utilizada pelo *carpinteiro naval* para a confecção da estrutura da embarcação, principalmente do *braçame* e *acatrate*.

Cf.: Carpinteiro naval, braçame, acatrate.

V.: prancha.

- A gente chama de <peça de piquiá>. (C.N., 2ª, 43)



**Prancha.** s.f.: Ver: Piquiá.

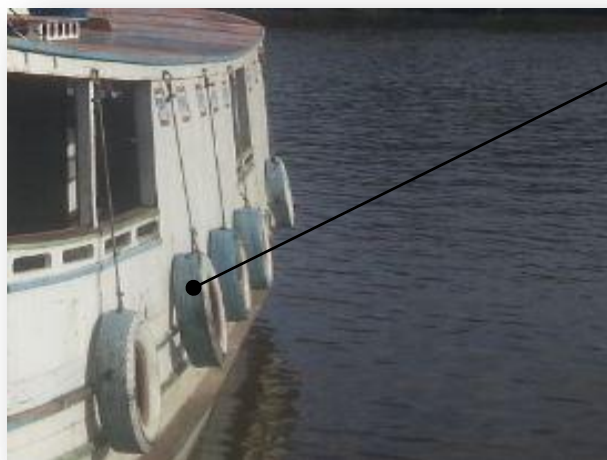
-A <prancha> serve pra fazer várias estruturas da embarcação, braço, acatrate, caverna. (C.N., 2º, 35)

**Perno.** s.m.: Ver: Barra de rosca.

- Isso é um <perno>, é um parafuso mas se chama <perno> (C.L., 7ª, 41)

**Pneu.** s.m.: Peça emborrachada, utilizada como suporte, com a finalidade de diminuir impactos diretos na embarcação durante a atracação.

-É <pneu> de carro mesmo, que serve pra não bater a embarcação e nem tirar a tinta. (C.N., 2º, 21)



Pneu

**Pino.** s.m.: Ver: Balaostro.

- É o <pino> que sutenta a torda.(C.N., 2º, 35)

**Popa.** s.f.: Parte traseira da embarcação, que pode ser redonda ou quadrada, onde pode conter ou não o *redondo de popa*.

Cf.: redondo de popa.

-É a <popa> aí é a parte de trás da embarcação. (C.N., 2º, 21)



**Proa.** s.f.: Parte dianteira da embarcação, onde se localiza o *bailéu de proa*.

Cf.: bailéu de proa.

- É a frente da embarcação, a gente fala <proa> e popa atrás. ( C.N., 2ª, 43)



**Porão.** s.m.: Parte da embarcação, localizada no meio da embarcação, utilizada para armazenar e transportar diversos tipos cargas.

-É no <porão> que eles levam as mercadorias e qualquer outra coisa. (P.T. 2º, 36)



**Prego galvanizado.** S.T. s.m.: Matéria-prima de ferro com maior durabilidade, pois possui resistência à ferrugem causada pela água, utilizada no forro da embarcação.

- É o <prego galvanizado>, serve pra colocar no forro da embarcação, porque não enferruja. (P.T., 7ª, 56)



## Q

**Quilha.** s.f.: Peça de madeira, utilizada como base de sustentação, de proa a popa, que varia de tamanho conforme a capacidade e porte da embarcação, localizada na parte inferior do casco da embarcação.

-Essa <quilha> é fundamental, é o início da embarcação, é daí que vai partir para o bico e a parte de trás. (C.N., 2º, 35)

Quilha



## S

**Sala de máquina.** S.T. s.f.: Compartimento da embarcação, localizada na parte traseira, utilizada para guardar o motor.

- O motor fica localizado na <sala de máquina> que fica no porão da embarcação. (C.L., 7ª, 41)



Nota: A entrada da sala de máquina fica localizada na parte superior do convés e a tripulação, geralmente, utiliza a sala de máquina, como mesa para as refeições.

**Sobrequilha.** s.f.: Peça de madeira comprida interna da embarcação, fixada nas *cavernas*, do mesmo formato que a *quilha* e está sobre e paralela a ela.

Cf.: Quilha

- A <sobrequilha> erve pra reforçar a embarcação e apertar os braçames. (C.N., 2ª, 43)



Sobre-quilha

## T

**Tábua.** s.f.: Matéria-prima de madeira, utilizada pelo *carpinteiro naval* na confecção do *forro* da embarcação.

Cf.: Carpinteiro naval, forro.

V.: farca.

- A <tábua> é pra forrar o fundo da embarcação. (C.N., 2º. 35)



Tábua

**Talabardão.** s.m.: Peça de madeira, que vai de *proa* a *popa*, localizado nas laterais, atrás do *friso*, utilizado como estrutura de fixação da parte superior dos *braços*, necessário nas embarcações de médio e grande porte.

Cf.: proa, popa, friso.

- O <talabardão> fica embaixo do friso pra reforçar e não deixar a estrutura mole.  
(C.N., 2ª, 43)



**Talhamar.** s.m.: Peça de madeira localizada na *proa*, utilizada como suporte para pregar nas suas extremidades as demais peças que compõem a lateral da embarcação.

Cf.: proa.

- <talhamar> é como a gente chama pra essa parte. (P.T. 4ª, 56)



NOTA: O talhamar por deixar a estética da proa estreita divide as águas, melhorando o desempenho da locomoção da embarcação.

**Telescópio.** s.m.: Peça de ferro, em formato de tubo, utilizado como revestimento do eixo do motor, localizado perto do bucin.

Cf.: bucin.

-Isso é o <telescópio> do motor, que pega no bucin. (C.N. 2ª, 43)



**Timão.** s.m.: Peça de madeira redonda, com pequenos pinos, localizado na sala de comando, para pilotar a embarcação.

-Esse é o <timão> utilizado para pilotar. (C.N., 2º, 35)



**Tinta a óleo.** ST. s.f.: Matéria-prima à base de óleo vegetal, utilizada pelo *pintor* no processo de acabamento, com a finalidade de embelezar e proteger a embarcação.

Cf.: pintor.

-É a matéria-prima do pintor, é passado na embarcação com a ajuda do rolo e pincel.  
(P.T., 4ª, 56)



## U

**Urna.** s.f.: Parte do *barco geleiro*, semelhante ao *porão*, localizado no centro da embarcação, utilizada para armazenar e conservar o pescado.

Cf.: Barco geleiro, Porão

- A <urna> fica aí dentro, essa é a boca da escotilha. (C.N. 2ª, 43)



Urna

NOTA: A urna possui propriedade de isolante térmico, por conta da aplicação do produto poretano entre as camadas do seu forro.

## V

**Vara rosqueada.** s.f.: Ver: Barra de rosca.

-Isso é uma matéria-prima que se chama < vara rosqueada>. ( C.N.,2ª, 43)

**Varanda.** s.f.: Ver: Camaleão.

-Essa parte vai embora lá pra trás, é uma proteção pra se firmar, pro camarada não escorregar. (C.N.,2ª, 43)

# Tipos de embarcação e operários

## A

**Aprendiz.** s.m.: Operário do *estaleiro*, iniciante no ofício da *carpintaria naval*.

Cf.: Estaleiro, carpintaria naval.

-(...) são muitos anos pra poder ser um mestre. (C.N., 2º,21)



Aprendiz

## B

**Barco geleiro.** ST. s.m.: Embarcação de grande porte, com capacidade até 20 toneladas de pescado, com *porão* ou *urna* para o gelo, utilizada para armazenar o pescado, com a finalidade de conservar.

Cf.: porão, urna.

- É no <barco geleiro> que é armazenado o peixe, na urna que fica no porão. (C.N., 2º, 35)



**Barco pesqueiro.** ST. s.m.: Embarcação de grande porte, com capacidade de mais ou menos uma tonelada, utilizado na pesca em alto mar e para transportar o pescado até o *barco geleiro*.

Cf.: Barco geleiro.

- Eles colocam o peixe neste [barco pesqueiro] e levam pa guardar no gelero. (P.T. 2º, 36)



## C

**Calafate.** s.m.: Operário do *estaleiro*, cuja função é *calafetar* as embarcações, com o auxílio das ferramentas como *carcané* e da *marreta*.

Cf.: Estaleiro, Calafetar.

-Esse é o <calafate>, ele tá calafetando. (C.N., 2ª, 43)



**Carpinteiro naval.** ST. s.m.: Operário do *estaleiro*, cuja função é *cortar, beneficiar* e pregar as peças de madeira com a finalidade de montar a embarcação.

Cf.: Beneficiar, estaleiro, cortar.

- É o <carpinteiro naval>, porque tem o civil, que constrói casa. Ele tá beneficiando a madeira. (C.L, 7ª, 41)



**Casco.** s.m.: Embarcação de pequeno porte, com capacidade para três pessoas, movido a remo e a motor à gasolina.

Cf.: Rabudo.

-Esse é o <casco> é utilizado para passeio, e é de pequeno porte. ( C.N., 2º, 21)



## P

**Pintor.** s.m.: Operário do *estaleiro*, cuja função é *emassar* e *pintar* as embarcações, com a finalidade de conservar a madeira e melhorar a estética.

Cf.: Estaleiro, emassar.

-Esse é o <pintor> ele é responsável em pintar o barco pra deixar bonito. (C.L., 7ª, 56)



## R

**Rabeta.** s.f.: Embarcação de pequeno porte (três tábuas) com capacidade para 03 a 05 pessoas e médio porte, com capacidade para 8 a 30 pessoas, movido a motor à gasolina (pequeno porte) e a óleo diesel (médio porte).

- São <rabetas>, que pode levar de quatro a trinta pessoas. (P.T., 2º, 36)



**Anexo 02****GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA CARPINTARIA NAVAL MIRIENSE****FICHA SOCIOLINGUÍSTICA DO INFORMANTE**Nome:  Sexo F (  ) M (  )Alcunha (apelido): Nascimento:  Idade: Estado Civil:  Local de nascimento: Há quanto tempo chegou a esta cidade? (Caso não seja natural da localidade): Escolaridade do Informante: Profissão do informante: Tempo de profissão: Endereço: Zona:  Cidade:  CEP: 

Nome do entrevistador	Local da entrevista	Data da entrevista
-----------------------	---------------------	--------------------

**Observação:**

--

**Anexo 03****QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO LEXICAL (QSL)**

1. Quais os tipos de embarcação são construídos aqui?
2. Quais as principais ferramentas que você utiliza na sua profissão?
3. Que tipo de profissional trabalha aqui?
4. Quais os tipos de materiais (matéria-prima) são utilizados na construção das embarcações?
5. Existe um nome específico para cada etapa de fabricação das embarcações?
6. Existem espaços próprios para cada etapa de construção das embarcações? Como é o nome desses locais?
7. Qual é o nome da maior embarcação construída aqui?
8. Qual é o nome da menor embarcação construída aqui?
9. Ao que se refere à montagem do motor nas embarcações, vocês adaptam o motor ou só constroem as embarcações?
10. Como é chamada a parte da frente das embarcações?
11. Como é chamada a parte de trás das embarcações?
12. Como é chamada a parte de cima que cobre as embarcações?
13. Qual o nome do local em que o piloto fica na embarcação?
14. Quais são os nomes das partes usadas para manobrar as embarcações?
15. Existe um nome específico para o local do motor?
16. Existem meios de sinalização nas embarcações? Quais são?
17. Quais os tipos de madeira que vocês mais utilizam na construção da embarcação?

Anexo: 04



FOTO retirada da internet

Anexo 05

Mapa de Igarapé-Miri

